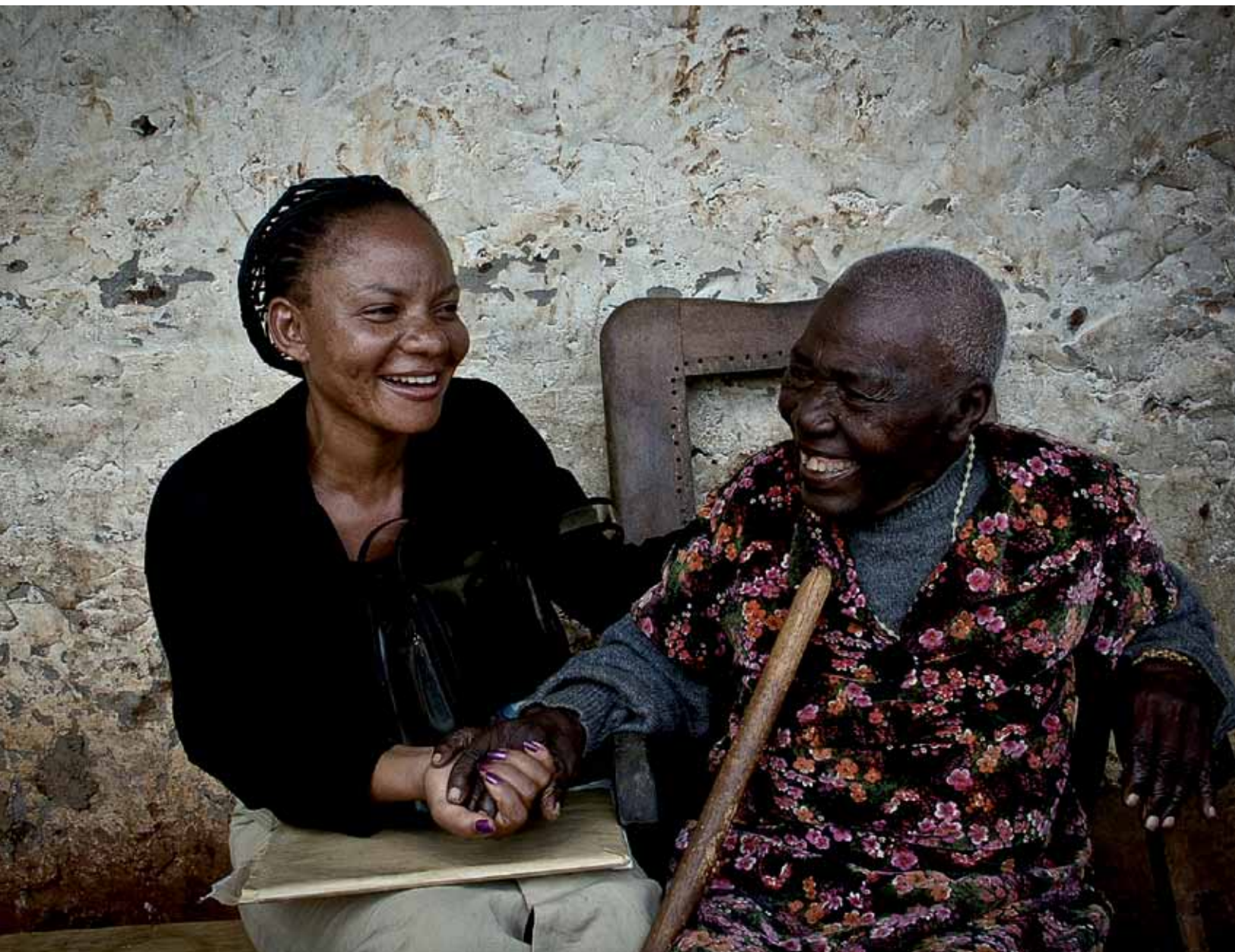




FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 157
SETEMBRO 2014



Comunidade de Santo Egídio
Prémio Calouste Gulbenkian 2014



4

Ver para crer Filmar para querer

Numa escola do Vale da Amoreira, Moita, as crianças aprendem de forma diferente o significado das palavras e o valor da natureza ou da amizade. Têm seis e sete anos de idade e nunca tinham imaginado que o cinema poderia ensinar-lhes tantas coisas que também vêm nos livros da escola. O projeto “O Mundo à nossa volta”, apoiado pelo PARTIS da Fundação Gulbenkian, mostra como a arte ajuda a olhar de forma diferente para o meio em que vivemos.

8

Comunidade de Santo Egídio – um novo humanismo para a Paz no mundo

O Prémio Calouste Gulbenkian deste ano foi entregue à Comunidade de Santo Egídio, movimento católico presente em mais de 70 países, pelo seu contributo para a paz no mundo e pelo seu papel na concretização do diálogo entre diferentes religiões. Na cerimónia de entrega do Prémio, o presidente do Júri, Jorge Sampaio, lembrou que através do empenho anónimo de 60 mil leigos, a Comunidade se dedica a divulgar “os valores e princípios de um novo humanismo” tão necessários ao mundo atual.

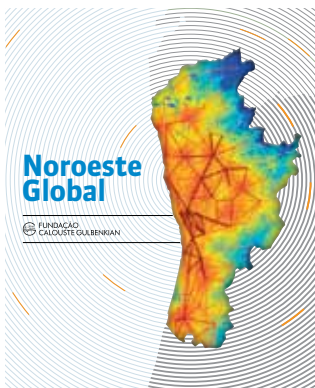


Scuola della pace, Camarões

12

Noroeste, região Global

A partir de um estudo financiado pela Fundação Gulbenkian, no final de julho foi constituída a **Plataforma de Cooperação Noroeste Global** que integra municípios e universidades, em conjunto com uma associação empresarial, para afirmar o valor estratégico para a economia nacional da vasta região que se estende entre Aveiro e Braga. A ideia principal é aproveitar o potencial instalado nesta região, após 30 anos de forte investimento científico e tecnológico.



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 157. SETEMBRO.2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | Helena de Freitas
DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva **[DDLX]** **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA**
Comunidade Santo Egídio em África | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal

O título da Conferência Gulbenkian, que terá lugar nos dias 6 e 7 de outubro nos espaços da Fundação, lembra a urgência de encontrar caminhos firmes para o futuro do país, numa Europa cada vez mais dividida. Em dois dias de conferência, especialistas portugueses, de várias áreas do conhecimento apontarão caminhos e alternativas. Aos seus contributos juntar-se-ão as vozes de Paul de Grauwe, Mark Blyth e Ricardo Reis, convidados internacionais para esta Conferência Gulbenkian.

32

Próximo Futuro em setembro

Depois de um verão marcado pela mostra de artistas contemporâneos da Europa, África e América Latina, que encerra a 7 de setembro, o Programa Gulbenkian Próximo Futuro apresenta uma programação variada ao longo do mês, dentro e fora da Fundação Gulbenkian. Teatro, dança, música e cinema, completam um cartaz cheio de estreias nacionais e mundiais, a não perder.



As Confissões... © Sofia Berberan



Orquestra XXI © Márcia Lessa

34

Orquestra XXI abre nova temporada de música

Esta é uma orquestra diferente pela originalidade na sua fundação e por integrar jovens músicos portugueses residentes no estrangeiro. Criado para concorrer à 2ª edição do FAZ-Ideias de Origem Portuguesa o ano passado, o projeto acabou por arrebatado o primeiro lugar do concurso, com provas dadas na divulgação da música erudita e na ligação dos músicos portugueses ao seu país de origem.

O Grande Auditório Gulbenkian recebe a Orquestra XXI a 7 de setembro, no concerto que marca o recomeço da temporada Gulbenkian Música 14/15.

índice

primeiro plano

4 **Ver para crer. Filmar para querer**

notícias

- 8 **Comunidade de Santo Egidio Um novo humanismo para a Paz no mundo**
- 12 **Noroeste, região global**
- 16 **A reforma do processo orçamental**
- 16 **FAZ nos Prémios Europeus de Promoção Empresarial**
- 17 **Conferência Afirmar o Futuro**
- 18 **Saúde Mental Global: novos documentos técnicos**
- 18 **Candidaturas para doutoramento**
- 19 **O Futuro da Saúde em Portugal**
- 19 **Grupo de trabalho para o Investimento Social em Portugal**
- 20 **Quantas moléculas existem dentro das células?**
- 20 **Cientistas internacionais na Fundação Gulbenkian**
- 21 **Parceria em projeto educativo inovador**
- 22 **Colóquio/Letras homenageia Agustina**
- 23 **Tesouros reais de Espanha**
- 26 **Catálogo raisonné de exposições online**

29 breves

bolseiros gulbenkian

30 **Cristina Zhou**

em setembro

Próximo Futuro

32 **Teatro, dança, música e cinema**

música

34 **Orquestra XXI abre nova temporada**

36 **A Península Ibérica e um piano exposições**

38 **Últimos dias para visitar sete exposições**

40 **novas edições**

41 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

42 **Paisagem ao Entardecer**



Os Filhos de Lumière em filmagens com os alunos do primeiro ano da Escola Básica 1 do Vale da Amoreira © Márcia Lessa

Ver para crer Filmar para querer

O programa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social, da responsabilidade do Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano, tem apostado na arte como ferramenta contra a exclusão social. Projetos como o IBISCO – DE, Ópera na Prisão e Sons à Margem têm demonstrado como as várias artes podem servir para juntar comunidades, desenvolver capacidades profissionais e sociais e alargar horizontes.

A Associação Cultural Os Filhos de Lumière está à frente de um dos 17 projetos do PARTIS. Denominada “O Mundo à Nossa Volta”, esta ideia leva o cinema a bairros socialmente desfavorecidos e põe os jovens e as crianças a olhar de outra forma para o mundo que os rodeia.

“O plano começa ali de lado e depois ela anda até ao centro”, diz Rúben, o realizador. “Não, porque é que não começa do outro lado, não é melhor?”, contrapõe o seu assistente. Tudo neste diálogo seria absolutamente normal no *plateau* de uma rodagem. No entanto, neste caso, é difícil não olhar para os intervenientes sem esboçar um sorriso ao ver todo este profissionalismo, já que Rúben e o seu assistente não têm mais do que seis, sete anos e mal conseguem chegar com os olhos ao visor da câmara.

O plano está a ser filmado num pequeno relvado por entre os prédios do Vale da Amoreira, na Moita, a poucos metros da escola onde todos os participantes do filme têm aulas diariamente. São alunos do 1.º ano e a hora do lanche da manhã já começa a fazer soar o alarme no estômago de alguns – más notícias para o Rúben, que procura o plano perfeito e não quer deixar o trabalho a meio. Uns vão trabalhando apesar da fome, os outros, os que não têm um papel nesta cena, estão juntos num canto, à sombra de uma árvore. O professor Bruno Bento tenta distraí-los com pequenas brincadeiras e exercícios, como nomear os vários objetos utilizados para fazer cinema. “Perche!”, grita um; “Raquete!”, responde outro ao lado. “Raquete?”, diz o colega com um ar incrédulo. “Qual raquete... É claquete!”

Estas brincadeiras podem parecer inocentes e inconsequentes, mas o trabalho com o cinema tem ajudado estes miúdos a conhecer um mundo muito mais vasto do que aquele a que estavam habituados. Com este pequeno exer-



© Mária Lessa



Mária e a perche © Mária Lessa

cício, desenvolvem o seu vocabulário, mas não só. Carolina é a responsável pela “raquete” na cena que está a ser filmada e por isso tem de escrever as informações necessárias no espaço adequado a indicar qual a cena que está a ser executada, o que a obriga a puxar pela cabeça para se lembrar como é que se desenha o número 6 indicativo da *take* a decorrer, uma vez que os cinco primeiros não passaram pela aprovação do realizador Rúben. Com a ajuda de uma das colaboradoras dos Filhos de Lumière, lá chega à solução de como deve desenhar o número.

Estas imagens são exemplo de um dia de filmagens no projeto O Mundo à Nossa Volta, que pretende alargar os horizontes destas e de outras crianças que vivem em bairros problemáticos e com carências sociais, tudo em colaboração com a escola e tentando incentivar as famílias e a comunidade a participar mais na educação dos seus mais novos. Para isso, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, através do PARTIS, os Filhos de Lumière, associação cultural vocacionada para a sensibilização para o cinema enquanto forma de expressão artística, tem estado a desenvolver atividades com estes jovens que culminam na realização de um filme que junta várias pequenas histórias que eles próprios criaram. O entusiasmo enquanto



Algumas das crianças que estiveram a participar em "Um Mundo à Nossa Volta". No centro, Rúben, que foi o realizador neste dia. © Márcia Lessa

filmam é notório, e a vontade de construírem algo que vem de si próprios parece enchê-los de orgulho e dar-lhes vontade de querer fazer mais.

MIÚDOS TODO O TERRENO

Todos desempenham vários papéis ao longo das rodagens e algumas tarefas suscitam um maior entusiasmo que outras. Márcia não entra na cena que está agora a ser filmada, a função dela é segurar na perche e certificar-se que o som é bem captado. "Prefiro estar nas aulas do que fazer isto", diz ela com um ar entediado. Percebe-se que o trabalho não deve ser fácil, basta ver que a perche e a Márcia estão praticamente empatadas no que diz respeito ao tamanho. Mas assim que é chamada para entrar na cena como atriz, um sorriso de orelha a orelha ilumina a sua cara.

Tudo neste filme ficou a cargo dos pequenos cinematógrafos. O tema da história que imaginaram anda à volta das relações entre eles, a amizade e a solidão. O título também foi sugestão dos próprios: *Brincadeira Feliz Triste* – um espelho dos bons momentos passados entre amigos a descobrir o mundo; mas também do outro lado das relações na infância, as zangas, por vezes por motivos que nos parecem

tão fúteis em idade adulta, mas que representam tanto quando ainda há pouco que é nosso, e, finalmente, o perdão, também ele presente nesta narrativa.

APROXIMAR A RUA E A FAMÍLIA À ESCOLA

Bruno Bento, o professor desta turma, foi à procura de um projeto que permitisse trabalhar com os seus alunos de uma forma que não se cingisse exclusivamente à sala de aulas e encontrou no cinema, nos Filhos de Lumière e no PARTIS a solução ideal. A ideia era diversificar experiências e ligar a escola às vivências de rua dos seus alunos, tudo tendo sempre em conta a parte curricular. Nesse aspeto, o Português e a Matemática foram as disciplinas que mais ganharam com este projeto. Ao escrever um guião, por exemplo, estão a desenvolver as suas capacidades de leitura e de escrita: "O argumento final surgiu de ideias que eles tiveram oralmente e, depois, fizeram ilustrações com elas. Daí escreveram pequenas palavras que correspondiam aos desenhos e, por fim, redigimos um texto coletivo, o que foi uma experiência muito interessante."

O envolvimento com as famílias também tem sido uma parte importante de todo este processo. Num bairro onde as estruturas familiares nem sempre são sólidas, Bruno



O professor Bruno Bento e os seus alunos. © Márcia Lessa

Bento ficou impressionado com a participação por parte dos pais destas crianças, o que não é assim tão frequente. “Às vezes nota-se nas pequenas coisas. Tivemos de pedir

aos miúdos que trouxessem a mesma roupa que tinham usado na semana anterior, para continuar a filmar uma cena, e os pais preocuparam-se em ter isso em conta. Pode parecer simples, mas em famílias onde não há estrutura, não é assim tão evidente.” Aliás, este era um dos grandes objetivos do professor – criar uma escola aberta. “Eu não posso ser professor se não houver uma comunidade educativa a apoiar e eles não podem ser alunos se só têm o professor a expor o currículo dentro da sala de aula.”

O projeto também tem tido a capacidade de unir, por alguns momentos, a comunidade de pais destes alunos, o que o professor considera indispensável na educação dos seus alunos: “Quando nos reunimos para ver os filmes, as famílias juntam-se e fazem uma festa. Esta parte da convivência social é muito importante porque neste bairro e para estas crianças a vida é muitas vezes olho por olho, dente por dente, e por qualquer coisa reagem intempestivamente.”

Brincadeira Feliz Triste, o filme realizado pelos alunos de 1.º ano da Escola Básica 1 do Vale da Amoreira, assim como um *Making of* e outros filmes do projeto O Mundo à Nossa Volta, podem ser vistos no blogue www.osfilhosdelumiere.blogspot.pt. ■



© Márcia Lessa



Andrea Riccardi e Marco Impagliazzo durante a visita ao Vaticano

Comunidade de Santo Egídio

Um novo humanismo para a Paz no mundo

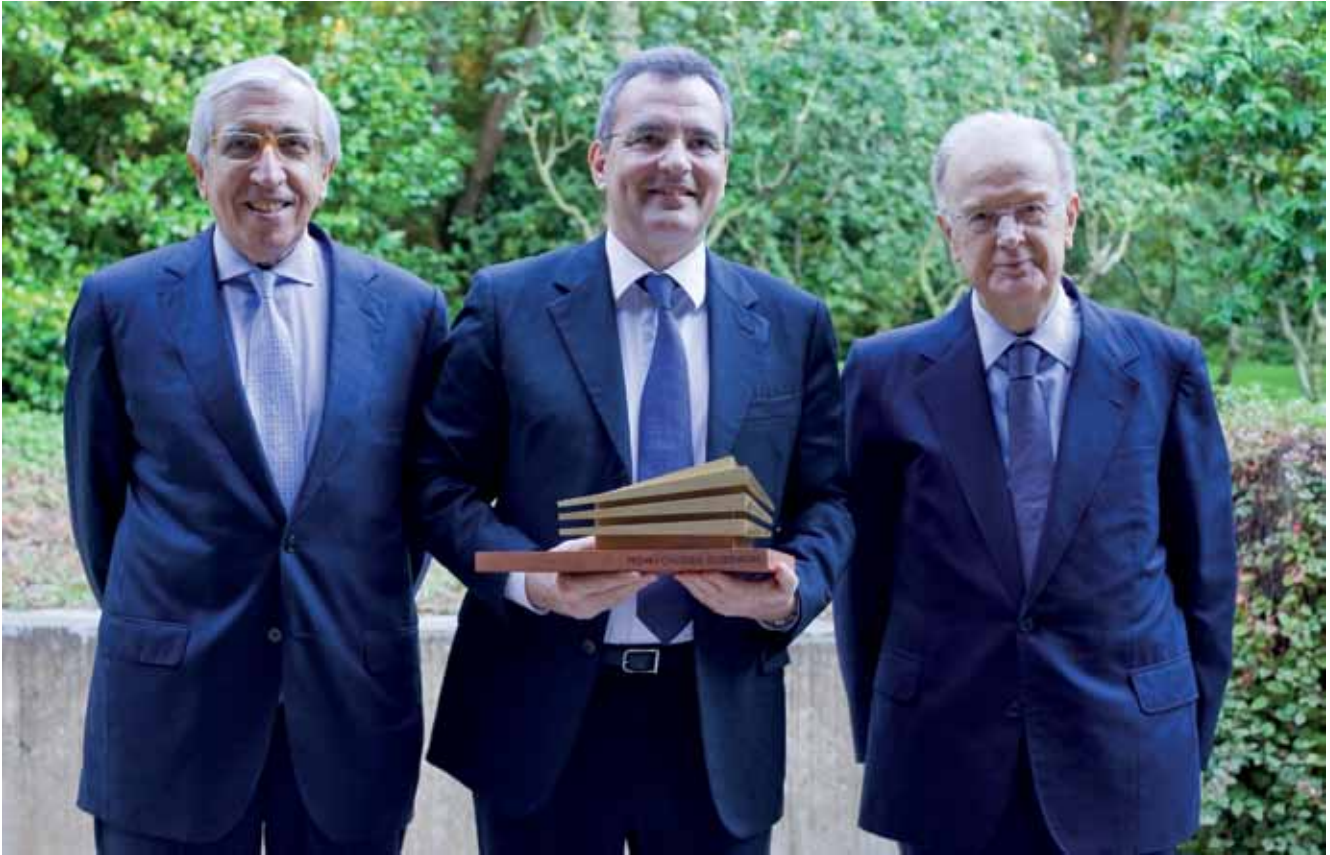
*A Comunidade de Santo Egídio, movimento católico fundado em 1968 por Andrea Riccardi, foi a vencedora do Prémio Calouste Gulbenkian 2014. Entre as cerca de seis dezenas de nomeações recebidas, o júri, presidido por Jorge Sampaio, decidiu atribuir o prémio a este movimento que se tem distinguido pelo apoio aos menos favorecidos e pelos esforços para alcançar a paz no mundo, quer através da **mediação em conflitos** quer através do **diálogo inter-religioso**.*

Muitas vezes designada como a “pequena ONU do Trastevere”, bairro romano onde se situa a sua sede, a Comunidade de Santo Egídio é uma organização não governamental que agrega atualmente, em mais de 70 países do mundo, cerca de 60 mil leigos que **se dedicam a promover o diálogo ecuménico e a apoiar, a título voluntário, pessoas sem-abrigo, idosos, crianças, presidiários (especialmente condenados à morte), deficientes, vítimas de guerras e imigrantes.**

A Comunidade promove iniciativas de cooperação e desenvolvimento em muitos países de África, da América Latina

e da Ásia e, em 1992, contribuiu decisivamente para o tratado de paz que acabou com a guerra civil em Moçambique. Este ano tem estado presente em várias áreas de conflito, apoiando os esforços de diálogo para promover a paz em países como a Guatemala, o Burundi, a Argélia, o Darfur, a Costa do Marfim, a República Centro-Africana e a região dos Grandes Lagos, entre outros locais. Cerca de um terço dos membros da Comunidade vive em África ou nos países do hemisfério sul.

Nos países lusófonos, bem como noutros países da África subsariana, a comunidade atua fundamentalmente atra-



Artur Santos Silva, Marco Impagliazzo e Jorge Sampaio na cerimônia de entrega do Prémio © Mária Lessa

vés do programa DREAM (Drug Resource Enhancement against AIDS and Malnutrition), que combate a sida e a malnutrição, e através da campanha BRAVO, que tem por objetivo registar a população, contribuindo para acabar com o número exorbitante de “crianças invisíveis” em África.

“A PAZ É POSSÍVEL”

Na sessão de entrega do Prémio, realizada a 21 de julho, estiveram presentes **Artur Santos Silva**, presidente da Fundação Gulbenkian, **Jorge Sampaio**, presidente do júri, e **Marco Impagliazzo**, presidente da Comunidade de Santo Egidio. Na plateia várias figuras públicas quiseram associar-se a esta homenagem, que contou com a atuação do Coro Gulbenkian, dirigido por Jorge Matta, numa altura em que a formação celebra 50 anos de vida.

Numas breves palavras proferidas na ocasião, Santos Silva lembrou o gesto de Calouste Gulbenkian que tornou os portugueses beneficiários da “mais valiosa doação que alguma vez um estrangeiro endereçou ao nosso país”, salientando que o Prémio Gulbenkian constitui “um tributo à imensa generosidade do fundador e à importância do seu legado filantrópico”. Saudando Marco Impagliazzo, presidente da instituição “que tanto personifica o espírito de bem comum e de âmbito global que sempre caracteri-

zou o fundador”, Santos Silva louvou a ação da Comunidade de Santo Egidio, sublinhando a “sua postura otimista, de construção da possibilidade de uma solução, contra a resignação e o fatalismo”.

Já Jorge Sampaio, responsável pela escolha, considerou a distinção “oportuna e sobejamente merecida”, traduzindo um reconhecimento da ação da Comunidade “em favor da



Marco Impagliazzo © Mária Lessa



Jovens africanos a participar no programa Dream

paz no mundo e da construção de sociedades inclusivas e harmoniosas”. Sampaio prestou homenagem à “visão, sabedoria e incansável militância” de Andrea Riccardi, fundador da Comunidade, bem como às dezenas de milhares de membros que “através da sua ação e empenho anónimos se dedicam a tornar realidade em mais de 70 países do mundo os valores e princípios de um novo humanismo, que está na base desta organização”.

Num dia marcado pelos bombardeamentos em Gaza e pelo conflito na Ucrânia, e perante o adensar de vários conflitos em todo o mundo, Jorge Sampaio afirmou “precisamos desesperadamente de mais iniciativas da sociedade civil, de mediadores sérios e confirmados, com vontade e capacidade de intervenção”. Defendendo que “a indiferença, o alheamento e a inação não são opções”, sustentou que este prémio constitui um incentivo forte para que os membros desta comunidade sejam sempre “mais ativos, mais intervenientes e mais ousados no seu empenho em construir um mundo mais humano, justo e em paz”.

O presidente da Comunidade de Santo Egidio agradeceu a atribuição do prémio, elogiando Calouste Gulbenkian, “um homem de duas culturas, ocidental e oriental”, bem como a Fundação que deixou, que conseguiu reproduzir essa “maravilhosa síntese” na sua obra filantrópica. Considerando que “a guerra é a mãe da pobreza”, Marco Impagliazzo realçou o trabalho da Comunidade a que preside, uma irmandade espalhada por todo o mundo, que se esforça por “cultivar uma esperança realista e tenaz” de que “a paz é possível”. Entendendo que é possível “curar, com paciência, a patologia da memória, o rancor, a ideologia e o desprezo”, Impagliazzo lembrou que a Comunidade tem

estado no centro de várias iniciativas de diálogo entre religiões, intervindo também em diversos palcos de conflito onde, nos últimos anos, se tem vindo a assistir a uma “violência difusa” estranha à ideologia ou à guerrilha, como em El Salvador, com os *maras*, bandos paramilitares de jovens que espalham o terror, ou no México, onde a máfia e os narcotraficantes bloqueiam o desenvolvimento do país. “A história da paz em Moçambique revelou a grande força da paz, há que encontrar a via para a encontrar e acolher”, afirmou, reconhecendo a importância deste prémio para ajudar a viabilizar esta missão.



Acordo de paz em Moçambique



Atuação do Coro Gulbenkian na cerimónia de entrega do Prémio © Márcia Lessa

LIVRO CELEBRA OS 30 ANOS DO CAM

No decorrer da cerimónia houve ainda lugar para o lançamento de um livro comemorativo dos 30 anos do CAM, apresentado pelo seu coordenador, Nuno Grande. Dividida em vários capítulos, a obra apresenta textos do próprio Nuno Grande (O Edifício), António Pinto Ribeiro (O ACARTE) e Raquel Henriques da Silva (A Coleção). O capítulo dedicado à programação encontra-se dividida em três partes com textos de André Silveira (Os primeiros anos e Exposição Diálogos), Jorge Molder (A Programação entre 1993 e 2006) e Isabel Carlos (Programação do 30.º Aniversário do CAM: Sob o Signo de Amadeo).

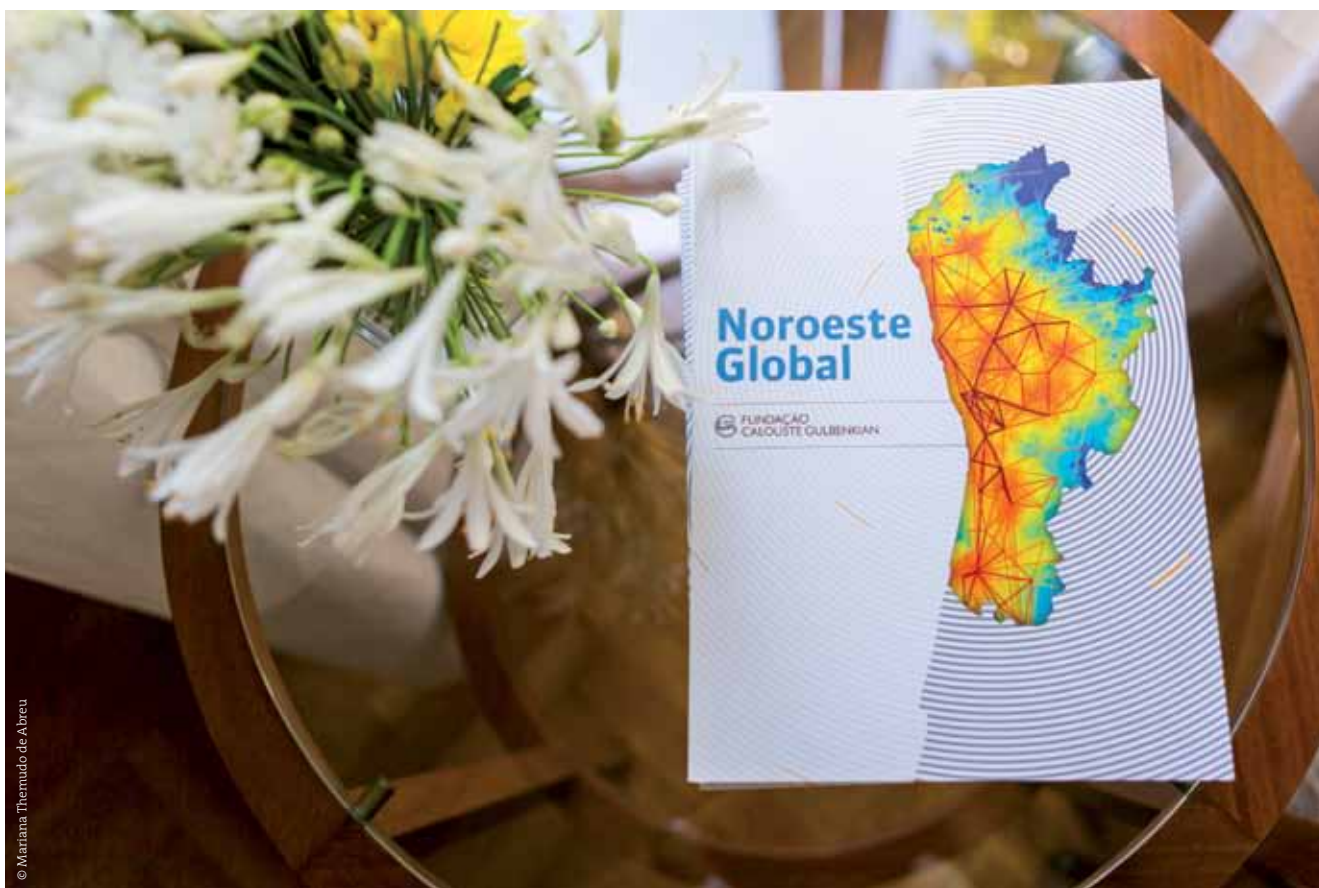
O volume integra ainda depoimentos de artistas nacionais e internacionais que expuseram no CAM e cuja obra se encontra representada na sua coleção, como Antony Gormley, Paula Rego, Pedro Cabrita Reis e Doris Salcedo. ■



Nuno Grande na apresentação do CAM 30 © Márcia Lessa

No valor de 250 mil euros, o Prémio Calouste Gulbenkian é atribuído a uma instituição ou a uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha distinguido na defesa dos valores essenciais da condição humana. Foi atribuído pela primeira vez em 2012 à West-Eastern Divan Orchestra, a formação liderada por Daniel Barenboim e no ano seguinte à Biblioteca de Alexandria.

O Júri do Prémio Calouste Gulbenkian é constituído por Jorge Sampaio (Presidente), Vartan Gregorian (Carnegie Corporation, EUA), Comandante Pedro Pires (antigo Presidente da República de Cabo Verde), SAR Princesa Rym Ali da Jordânia (fundadora Jordan Media Institute), António Nóvoa (Professor Catedrático) e Mónica Bettencourt-Dias (investigadora Instituto Gulbenkian de Ciência).



Noroeste, região global

Quatro municípios e quatro universidades, em conjunto com uma associação empresarial, criaram a **Plataforma Noroeste Global**, uma estrutura destinada a afirmar o valor estratégico para a economia nacional da vasta região que se estende entre Aveiro e Braga.

A ideia é aproveitar o potencial instalado nesta região, após 30 anos de forte investimento científico e tecnológico, aumentando a sua capacidade de inovação e de internacionalização, promovendo maiores sinergias entre as universidades e as empresas, de modo a atrair investimento e melhor competir nas candidaturas aos programas operacionais temáticos e regionais e aos fundos europeus.

Esta plataforma de cooperação integra os municípios do Porto, de Braga, de Aveiro e de Guimarães, as universidades do Porto, de Aveiro e do Minho, o Centro Regional do Porto da Universidade Católica e ainda a COTEC.

Na base desta iniciativa esteve um estudo financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, coordenado por José Manuel Félix Ribeiro e João Ferrão, que faz um levantamento da região do Noroeste em termos geográficos, demográficos

e ambientais. Este estudo, agora editado em livro, descreve as principais atividades, *clusters* de empresas exportadoras e polos de indústria pesada, bem como os polos de ensino superior, centros de investigação e de competência das universidades e dos politécnicos desta macrorregião.

UMA PLATAFORMA DE COOPERAÇÃO

Um protocolo de colaboração para definir os termos desta plataforma foi assinado no dia 22 de julho no Círculo Universitário do Porto pelos presidentes de Câmara de Aveiro, Braga e Guimarães, pela vice-presidente da Câmara do Porto e pelos reitores das universidades do Porto, do Minho, de Aveiro e do Centro Regional do Porto da Universidade Católica. Todos foram unânimes no elogio às potencialidades de cooperação e ao compromisso coletivo que esta plataforma representa.

Convicto das potencialidades e do valor estratégico do Noroeste, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian referiu-se na ocasião ao grande desafio que esta iniciativa



Os signatários da plataforma de cooperação Noroeste Global © Mariana Themudo de Abreu

representa, por envolver uma região que constitui “um dos grandes motores de desenvolvimento do país”. Artur Santos Silva lembrou que este estudo foi apoiado pela Fundação no quadro da Iniciativa Gulbenkian Cidades, sublinhando o contributo deste trabalho não só para o debate público informado, como também para desencadear os contactos que levaram à criação desta plataforma.

Por seu lado, o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional juntou-se ao coro de aprovações, dizendo acreditar nas capacidades deste projeto e nas suas potencialidades. Castro Almeida aplaudiu o facto de a Plataforma juntar o lado científico, as empresas e os decisores políticos locais.

A plataforma agora criada será coordenada pelo antigo vice-reitor da universidade do Porto, Jorge Moreira Gonçalves, e terá competências específicas na área dos projetos de investigação e de investimento, para melhor competir na captação de fundos públicos europeus e de investimento estrangeiro. A Plataforma terá ainda de criar a marca Noroeste Global enquanto macrorregião fundamental para o desenvolvimento português.

O NOROESTE COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO

O estudo encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian revela que o Noroeste nacional é, a par da Região Metropolitana de Lisboa, um dos dois grandes motores regionais de desenvolvimento do país.

Com cerca de 3,7 milhões de habitantes, correspondendo a 36,5 por cento da população geral do país, o Noroeste é a principal origem geográfica das exportações portuguesas, organizadas em torno de um conjunto de clusters consolidados: alimentar e bebidas, habitat, têxtil, cortiça, calçado, componentes de automóvel, estruturas e equipamentos, aos quais se acrescentam grandes empresas no sector da refinação de petróleo, petroquímica e outra química pesada, fabrico de pasta e papel e siderurgia.

O Noroeste experimentou nas três últimas décadas um fortíssimo investimento no ensino superior, nomeadamente nas três universidades públicas (Aveiro, Minho e Porto) e nos quatro institutos politécnicos (Institutos Politécnicos de Viana do Castelo, do Cávado e do Ave e do Porto, e escolas politécnicas da Universidade de Aveiro).



Artur Santos Silva na apresentação da plataforma © Mariana Themudo de Abreu

Em paralelo, os programas estruturais para a Ciência e Tecnologia e as oportunidades abertas pela cooperação científica e tecnológica europeia contribuíram para o desenvolvimento de uma rede de centros de investigação de elevada qualidade.

Ao mesmo tempo, tem-se assistido, nesta região, ao desenvolvimento de uma rede de colaborações, sem paralelo no país, entre o tecido empresarial, os centros de conhecimento e as entidades de transferência de tecnologia. Por sua vez estas redes de colaboração contribuíram decisivamente para o surgimento de *protoclusters*, com destaque para: energias renováveis; mobilidade elétrica e redes elétricas inteligentes; automação, robótica e domótica; engenharia automóvel, aeronáutica e espacial; comunicações, navegação e eletrónica; *software* de gestão empresarial e serviços informáticos; conteúdos digitais, multimédia e comunicação interativa; bio-médica, saúde e bem-estar; e agricultura de especialidades. Com este estudo ganha contornos de evidência a prioridade não só de apoiar uma nova vaga de cooperação no seio dos *clusters* consolidados, como ainda a de conferir uma nova dimensão aos *protoclusters*, acelerando a sua internacionalização através da atração de investimento estrangeiro e da exportação de conceitos, conteúdos, serviços e bens. ■



Castro Almeida, Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional © Mariana Themudo de Abreu



“Uma experiência inovadora” José Manuel Félix Ribeiro Cocoordenador do estudo

A PLATAFORMA NOROESTE GLOBAL VISA CRIAR UMA COMUNIDADE DE CONHECIMENTO E INOVAÇÃO NESTA REGIÃO. QUE CONDIÇÕES SÃO NECESSÁRIAS PARA QUE UMA ESTRUTURA COMO ESTA TENHA ÊXITO?

Reunindo quatro universidades, quatro municípios e uma estrutura empresarial, a COTEC, esta plataforma é, em si mesma, uma experiência inovadora de colaboração regional com objetivos nacionais. Diria que o seu êxito vai depender do modo como os membros desta plataforma – os fundadores e os que venham a aderir posteriormente – se motivarem e organizarem em torno de dois focos principais.

Por um lado, é importante que todos colaborem na área dos Projetos de Investigação e de Investimento, a fim de melhor competir nas candidaturas aos programas operacionais temáticos e regionais do Portugal 2020 e nas candidaturas aos programas europeus, com destaque para o Horizon 2020. Por outro lado, torna-se igualmente fundamental mobilizar várias entidades com o objetivo de concretizar uma estratégia de comunicação da imagem “Noroeste Global” no exterior, em particular junto das regiões mais prósperas e inovadoras da Europa do norte, dos EUA e do Japão e da Coreia do Sul.

Sem a consolidação e desenvolvimento dos ecossistemas de inovação das universidades – que exigem atividades de investigação de elevada qualidade no ensino superior, parte dela realizada no quadro de projetos, programas ou parcerias internacionais –, será muito difícil que no Noroeste seja possível, simultaneamente, inovar nas atividades em que existem já competências consolidadas e atrair novos investimentos orientados para exportação em novas atividades.

DE QUE MODO ESTA PLATAFORMA PODE AJUDAR A TRANSFORMAR CONHECIMENTO EM VALOR?

São várias as possibilidades que esta plataforma tem para contribuir para esse fim. Destacaria quatro. Em primeiro

lugar, através do apoio a uma nova vaga de cooperação no seio dos *clusters* consolidados em torno das atividades de I&D, da inovação nos modelos de negócio e da internacionalização.

Em segundo lugar, conferindo uma nova dimensão aos *protoclusters*, acelerando a sua internacionalização quer através da exportação de conceitos, conteúdos, serviços e bens, quer através da atração de investimento estrangeiro. Em terceiro lugar, transformando a agricultura intensiva de produção de especialidades num *cluster* orientado para os mercados externos e para o abastecimento da grande distribuição, tornando-o um fator de absorção do desemprego gerado nas atividades industriais tradicionais (incluindo construção e obras públicas).

Finalmente, apostando num modelo de sustentabilidade a partir de um sistema urbano policêntrico, criando um campo de experimentação de novas soluções no domínio das comunicações, mobilidade, energia, ciclo da água, aproveitamento de resíduos, etc., de modo a que os *protoclusters* ganhem um campo de experimentação interno à macrorregião.

NO ATUAL CONTEXTO ECONÓMICO, DE QUE MODO SE PODERÁ DAR A RETOMA DO CRESCIMENTO DE PORTUGAL E DO NOROESTE EM PARTICULAR?

Gostaria de chamar a atenção para o contexto em que se tem de pensar o futuro do Noroeste. Parece-me que o quadro competitivo externo e o impacto da crise financeira internacional e da crise das dívidas soberanas na zona euro indicam claramente que a retoma do crescimento de Portugal, e do Noroeste em particular, deve assentar numa nova vaga de investimento na exportação de bens, serviços, conteúdos e conceitos, devendo, simultaneamente, contribuir para a diversificação e sofisticação da carteira de atividades exportadoras, permitindo um aumento significativo da produtividade da economia.

Num período inicial, marcado pelas limitações da capacidade de autofinanciamento do tecido empresarial e pelo impacto da fragmentação do espaço financeiro na zona euro, diria que esta nova vaga exportadora terá de assentar em dois pilares principais. Por um lado, na atração de investimento direto estrangeiro, em particular investimento industrial em sectores mais intensivos em capital e tecnologia e com produtividades elevadas.

Por outro lado, deverá assentar na expansão da oferta de atividades industriais muito transformadas por serviços (I&D, *design* e *marketing*) e de atividades de serviços ao exterior (serviços às empresas, serviços de projeto & engenharia, serviços de consultadoria, serviços de transporte para terceiros, etc.), com a participação de empresas multinacionais e nacionais que, simultaneamente, aumentem a exportação e criem emprego qualificado. ■

A reforma do processo orçamental

No dia 19 de setembro é retomado o ciclo de conferências Sextas da Reforma, com o seminário “Para melhor gerir os recursos comuns dos portugueses: reforma do processo orçamental”, por Teodora Cardoso, presidente do Conselho das Finanças Públicas.

A sessão terá como comentadores António Vitorino, antigo comissário europeu e agora presidente do *Notre Europe-Jacques Delors Institute*, e Rui Rio, antigo presidente da Câmara Municipal do Porto que atualmente assume funções em duas empresas a operar na área dos recursos

humanos, a *Boyden* e a *Neves de Almeida/HR Consulting*.

O ciclo de conferências Sextas da Reforma é uma iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian, do Conselho das Finanças Públicas e do Banco de Portugal, que teve início em 2013 com o objetivo de discutir uma reforma abrangente da organização e gestão do sector público.

Os seminários realizam-se no Auditório 3 da Fundação, às 16h, e têm entrada livre. ■

Inscrição prévia necessária em:

www.bportugal.pt.

Prémios Europeus de Promoção Empresarial



O FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, é finalista dos Prémios Europeus de Promoção Empresarial 2014, que conta pela primeira vez com dois projetos portugueses entre os 22 selecionados. O anúncio foi feito no final de julho pela Comissão Europeia, que organiza esta competição com o objetivo de distinguir boas práticas de promoção do empreendedorismo na Europa. Os vencedores da final europeia serão anunciados a 2 de outubro, em Nápoles, numa cerimónia que se realiza no âmbito da Semana Europeia das PME.

Centenas de projetos estiveram a concurso nos 31 países que participam este ano na competição – 28 Estados-membros, mais a Islândia, a Sérvia e a Turquia. Em Portugal, onde os Prémios Europeus de Promoção Empresarial têm como pivô nacional o IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação, o FAZ foi um dos dois projetos portugueses apurados para competir na final europeia.

Criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2010, o FAZ – Ideias de Origem Portuguesa é um concurso de ideias concebido para implementar projetos de empreendedorismo social, nas áreas do Ambiente e Sustentabilidade, Inclusão Social, Diálogo Cultural e Envelhecimento. Os pro-

jetos são desenvolvidos por cidadãos portugueses na diáspora, formando equipa com portugueses residentes em Portugal para a implementação dos projetos no nosso país. Depois de ter sido selecionado pelo júri internacional dos Prémios Europeus de Promoção Empresarial para integrar uma lista de 22 finalistas em seis categorias, o FAZ – Ideias de Origem Portuguesa irá disputar em Nápoles o primeiro lugar na categoria Empreendedorismo Responsável e Inclusivo com mais três projetos de França, Alemanha e Polónia.

Desde o lançamento do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa já foram concretizados em Portugal projetos como o Arrebita! Porto, que é hoje um caso de estudo enquanto modelo inovador de promoção de reabilitação urbana, mas também a criação da Orquestra XXI, que reúne jovens músicos portugueses espalhados pelas melhores orquestras mundiais, e o projeto Fruta Feia, uma cooperativa de consumo que recupera fruta e legumes rejeitados pelos canais tradicionais de distribuição, apenas por razões estéticas. Com ampla difusão nos *media* internacionais, o projeto Fruta Feia rapidamente se tornou exemplo de boas práticas com hipótese de replicação noutros países e noutros contextos. ■

Afirmar o Futuro

Políticas Públicas para Portugal

6 e 7 de outubro

A 6 e 7 de outubro regressam ao Auditório 2 as Conferências Gulbenkian, numa iniciativa do presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. Como melhorar a eficácia e a sustentabilidade das políticas públicas em Portugal é um dos objetivos subjacentes à escolha do tema da conferência, que tem como coordenador o professor universitário **Viriato Soromenho-Marques**. Perante o momento de crise que o país e a Europa atravessam, *Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal* vai procurar indicar diagnósticos e terapêuticas que se poderão traduzir em iniciativas concretas e em melhores políticas públicas. Organizada em parceria com o *Institute of Public Policy Thomas Jefferson-Correia da Serra*, presidido por Paulo Trigo Pereira, a Conferência Gulbenkian terá a intervenção de destacados peritos em áreas como as finanças públicas, políticas sociais, economia real ou desenvolvimento sustentável, entre outras. Aos contributos dos portugueses provenientes destas áreas, vindos em grande parte do meio académico, juntam-se as vozes de **Paul de Grauwe**, **Mark Blyth** e **Ricardo Reis** que marcarão presença nos dois dias da conferência.

UMA ORGANIZAÇÃO SINGULAR

Esta conferência não começa e acaba nos dias 6 e 7 de outubro. Preparada como “um processo” em que participaram vários autores, foi iniciada em junho com a realização de *workshops* temáticos, onde os temas centrais foram discutidos e orientados por um duplo objetivo, teórico e prático,



de serem contributos positivos para a melhoria das políticas públicas nacionais.

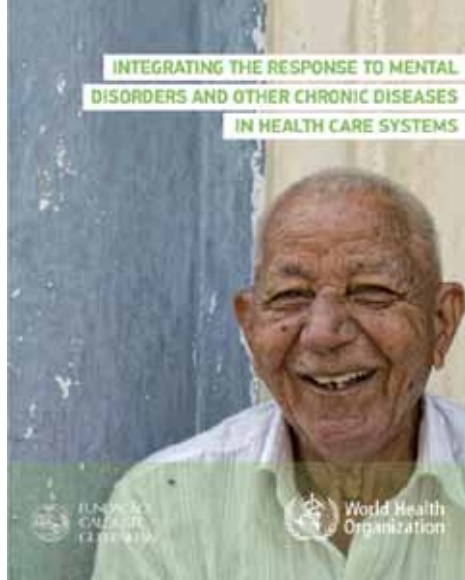
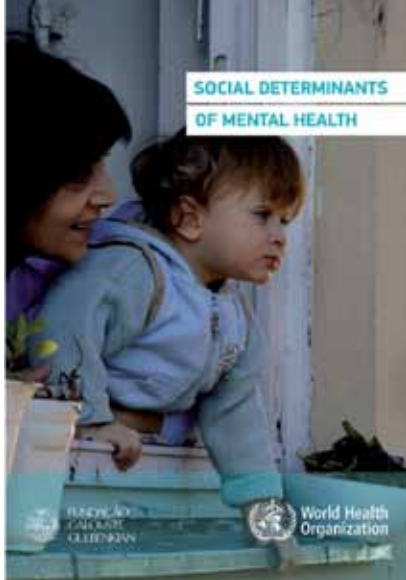
Cada um dos autores convidados apresentará, nos dois dias da conferência, as propostas já trabalhadas e anteriormente discutidas, como ponto de partida para um debate orientado e profícuo. Os temas e propostas podem ser vistos *online*, em curtos vídeos de um minuto, em www.gulbenkian.pt. Esta “obra em construção”, como refere Viriato Soromenho-Marques, dará também origem a um trabalho posterior, nomeadamente a sua edição em livro e outras publicações.

TEMAS CENTRAIS

O programa da Conferência, a publicar na totalidade da próxima edição desta *newsletter*, está centrado em quatro grandes temas: instituições, finanças públicas e reformas do Estado; economia real e desenvolvimento sustentável; políticas sociais; território, ordenamento e ambiente.

Estas diferentes áreas cobrem um amplo espectro de assuntos essenciais para o futuro do país, envolvendo investigadores, mas também protagonistas de algumas decisões tomadas ao nível das políticas públicas em Portugal, como antigos responsáveis de pastas governativas. A conferência decorrerá no Auditório 2, com transmissão direta para outras salas da Fundação e também através do site www.gulbenkian.pt.

Minuto a minuto, a conferência será acompanhada nas redes sociais Twitter e Facebook, através de uma equipa que estará em permanência na Conferência. ■



Saúde Mental Global: novos documentos técnicos

Já estão disponíveis *online* os primeiros documentos técnicos produzidos no âmbito da Plataforma Gulbenkian de Saúde Mental Global, que procura desenvolver modelos inovadores para a saúde mental no contexto da Agenda da Saúde Global.

Os documentos publicados no início deste verão tratam três temas: *Social determinants of mental health* (Determinantes sociais da saúde mental), *Integrating the response to mental disorders and other chronic diseases in health care systems* (Integrar a resposta às perturbações mentais e outras doenças crónicas nos sistemas de Saúde) e *Innovation in deinstitutionalization: a WHO expert survey* (Inovação em desinstitucionalização: um estudo por especialistas da Organização Mundial de Saúde).

Os temas tratados nestes documentos foram apresentados e debatidos no âmbito do *International Forum on Innovation*

in Mental Health, realizado em outubro de 2013. Os documentos podem agora ser descarregados em formato digital através do *site* da Fundação Gulbenkian.

A 6 e 7 de novembro, realiza-se o *International Forum on Promoting the Rights of Children with Mental and Intellectual Disabilities*, no âmbito do qual será apresentado e discutido um novo documento técnico produzido pela Plataforma Gulbenkian de Saúde Mental Global, que trata a questão dos direitos das crianças com doença mental.

Coordenada por Benedetto Saraceno, a Plataforma Gulbenkian de Saúde Mental Global resulta de uma parceria da Fundação Calouste Gulbenkian (Programa Inovar em Saúde) com a Universidade Nova de Lisboa e a Organização Mundial de Saúde (*Department of Mental Health and Substance Abuse*). ■

Candidaturas para doutoramento

A até 12 de setembro estão abertas as candidaturas ao Programa de Pós-Graduação em Ciência para o Desenvolvimento (PGCD). Este programa de doutoramento destina-se a estudantes dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e de Timor-Leste, tendo como objetivo formar recursos humanos qualificados que permitam contribuir para melhorar a qualidade da educação e investigação científicas nestes países.

O ano curricular terá início em janeiro de 2015 e decorrerá em Cabo Verde. Durante oito meses, os estudantes receberão formação em várias áreas das ciências da vida, princi-

palmente em Biologia Molecular, Biologia de Plantas e Solos, Biologia Marinha, Biologia das Doenças Tropicais e Saúde Pública. Após o período curricular, os estudantes desenvolverão os seus projetos de investigação em centros de excelência, em Portugal ou no Brasil. O PGCD é coordenado pelo Instituto Gulbenkian de Ciência e conta com o apoio do Ministério do Ensino Superior Ciência e Inovação (Cabo Verde), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal). ■

www.igc.gulbenkian.pt/pgcd

O futuro da saúde em Portugal

No dia 23 de setembro serão apresentadas as recomendações do estudo sobre a Saúde em Portugal, elaboradas por uma Comissão liderada por Nigel Crisp, antigo CEO do Serviço Nacional de Saúde inglês e membro da Câmara dos Lordes, além dos contributos resultantes de uma vasta audição de instituições e personalidades públicas e privadas. A sessão decorrerá no Auditório 2, às 18h e terá entrada livre. Para construir uma nova visão do Sistema Nacional de Saúde, fundada em princípios de solidariedade social, em que seja assegurada a sustentabilidade da prestação de cuidados e em que se reforcem os direitos e as responsabilidades de todos os que nele intervêm e dele beneficiam, a Fundação Calouste Gulbenkian lançou a 5 de fevereiro de 2013 a iniciativa *Health in Portugal: A Challenge for the Future. The Gulbenkian Platform for a Sustainable Health System*. Nigel Crisp defende que a ideia fundamental é “conseguir uma população e uma sociedade mais saudáveis e prósperas, onde as pessoas deem valor às suas vidas e que, em caso de necessidade, possam ter acesso a cuidados de saúde de qualidade, suportáveis em termos financeiros e sustentáveis para o sistema”.



Nigel Crisp © Márcia Lessa

A ideia de que cada pessoa tem um papel a desempenhar está associada ao estudo coordenado por esta Comissão, que envolveu 35 especialistas portugueses de diferentes áreas, cuja contribuição, sob a forma de relatórios parciais, foi amplamente discutida em reuniões intercalares com vista à elaboração deste documento final. ■

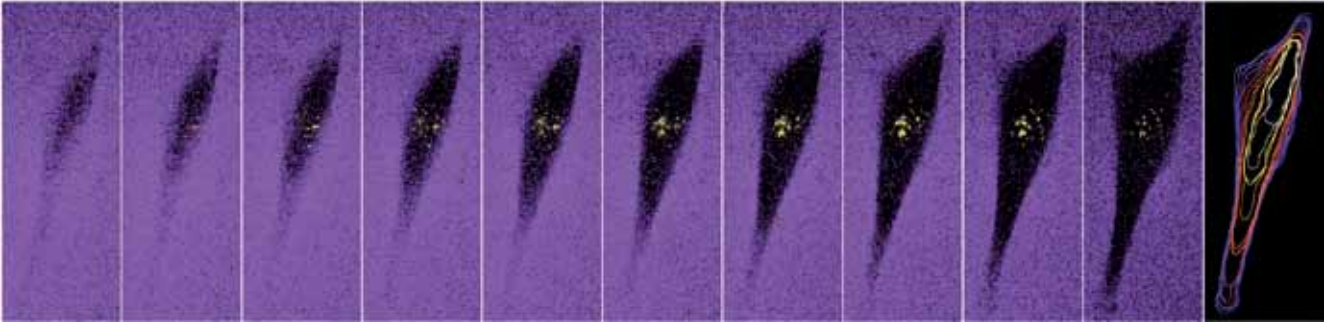
Grupo de trabalho para o Investimento Social em Portugal

Um grupo de trabalho dedicado ao mercado de investimento social, uma área que representa uma grande mudança no paradigma de financiamento da economia social, foi recentemente criado em Portugal. Este grupo surge no âmbito do Laboratório de Investimento Social, uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto de Empreendedorismo Social, em parceria com a *Social Finance UK*.

As experiências já realizadas em países como o Reino Unido ou o Canadá demonstraram que é a partir do trabalho desenvolvido por estas equipas que é possível produzir recomendações capazes de influenciar políticas públicas, transformar as organizações sociais e conquistar potenciais investidores.

O grupo português, composto por representantes de fundações, do ensino superior, da banca, de empresas de consultoria e organismos públicos sem fins lucrativos, centrará o seu trabalho ao longo dos próximos doze meses em torno de três temas: criação de conhecimento e inteligência de mercado; fontes de financiamento e novas formas de filantropia; e instrumentos financeiros para o sector social e enquadramento legal.

Desde o seu lançamento em fevereiro deste ano, o Laboratório de Investimento Social tem vindo a aprofundar conhecimento sobre instrumentos financeiros adaptados ao sector social e a analisar a viabilidade de negócios sociais junto de organizações e empreendedores, de modo a que seja possível obter um retorno financeiro e um retorno de valor para a sociedade. ■



Imagens de diferentes planos de uma célula que expressa CENP-A fluorescente (pontos amarelos dentro da forma preta) que permitiram uma construção 3D das células e o cálculo do número de moléculas.

Quantas moléculas existem dentro das células?

Quando os cientistas começam a investigar um determinado processo biológico procuram identificar quais os componentes envolvidos nesse processo (os genes e as proteínas) e como interagem entre si. Igualmente importante é saber a quantidade de cada um desses componentes dentro da célula. Mas conseguir quantificar moléculas de tamanho ínfimo (na ordem de um milhão de vezes menor que um milímetro) é um desafio difícil. Num estudo inovador, Lars Jansen e a sua equipa do Instituto Gulbenkian de Ciência foram capazes de medir a quantidade de moléculas de uma proteína necessária para formar uma importante estrutura dos cromossomas, o centrómero.

Os centrómeros são estruturas compostas por proteínas. Quando as células se dividem, os centrómeros recrutam toda a maquinaria molecular necessária à correta separação dos cromossomas para as células filhas que se vão originar. Se a localização dos centrómeros nos cromossomas for alterada ou se as proteínas que compõem estas estruturas forem danificadas, podem surgir divisões celulares anormais. O laboratório de Lars Jansen procurou calcular

quantas moléculas da proteína CENP-A, componente essencial dos centrómeros, existem nos cromossomas de células humanas. Para conseguir efetuar essa medição, os investigadores tiveram de desenvolver ferramentas que envolveram técnicas de engenharia genética moderna e de microscopia. As medições que efetuaram permitiram-lhes determinar que aproximadamente 400 moléculas de CENP-A estão presentes nos centrómeros das células humanas.

Lars Jansen, investigador responsável pelo estudo, diz que é preciso estar “constantemente a desenvolver novas técnicas para se conseguir ir mais longe e responder a questões novas, mesmo que para problemas biológicos já antigos”. Jansen acrescenta: “Estamos agora numa fase da Biologia em que cada vez mais laboratórios vão começar a olhar para os aspetos quantitativos do problema biológico que estão a estudar.”

As novas metodologias apresentadas neste estudo, publicado na revista científica de acesso livre *eLife*, podem ser bastante úteis para desvendar outros problemas biológicos. ■

Cientistas internacionais na Fundação Gulbenkian

De 30 de setembro a 3 de outubro, trezentos cientistas de todo o mundo reúnem-se na Fundação Gulbenkian para a conferência da *European Molecular Biology Organisation* (EMBO).

O tema desta conferência aborda a estrutura e função de organelos que existem dentro das células – os centrómeros – e que são importantes para a multiplicação, movimento e função normal das células. Um enfoque especial será dado ao papel

que estas estruturas representam em doenças como o cancro. Esta conferência é organizada pela cientista Mónica Bettencourt-Dias, do Instituto Gulbenkian de Ciência, e conta com oradores vindos de vários países europeus, dos EUA e da Ásia. As conferências da EMBO são altamente reconhecidas na comunidade científica, pelo selo de qualidade assegurado por um comité de cientistas de renome internacional pertencentes a esta organização europeia. ■



Parceria em projeto educativo inovador

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Samsung assinaram em julho um protocolo para viabilizar um projeto-piloto destinado a promover mudanças na aprendizagem, ao nível do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico. Este projeto, desenvolvido pelo Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações, tem a duração de seis anos e visa integrar novas aptidões e competências no currículo escolar exigidas por um mundo em rápida mudança e que o atual modelo educativo não tem conseguido acompanhar. A colaboração da Samsung nesta iniciativa traduz-se na doação de equipamento informático às escolas envolvidas no projeto, incluindo 186 *tablets* para uso dos alunos e professores. Este projeto insere-se no programa de responsabilidade social da Samsung em Portugal, na área da Educação, iniciado em 2013. A seleção dos equipamentos doados levou em consideração a idade dos alunos, o contexto social e escolar e a possibilidade do seu uso em casa para atividades educativas.

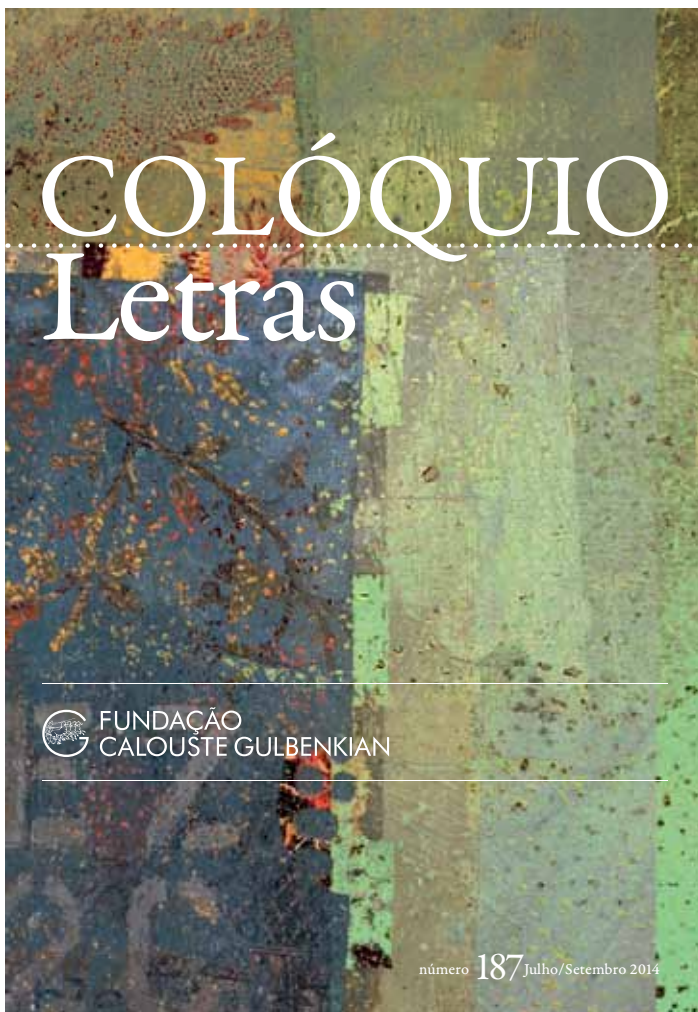
Artur Santos Silva, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, exprimiu a sua satisfação pela celebração do protocolo, congratulando-se por este novo passo de uma importante colaboração com a Samsung iniciada no ano passado com o Centro Interpretativo do Jardim Gulbenkian, totalmente equipado com material tecnológico oferecido por esta empresa. Sublinhando a relevância desta iniciativa para escola do futuro, Santos Silva defendeu a importância dos equipamentos tecnológicos nas escolas a par da formação dos professores, tão importantes para o desenvolvimento do ensino. Jong Soo Kim, presidente da Samsung Portugal, reforçou a ideia de que se deverá apostar

na formação dos professores, fundamentais para garantir o sucesso da iniciativa, considerando este projeto um pequeno, mas importante passo para a criação da escola do futuro. Duas turmas de três agrupamentos escolares do país, situados nos distritos de Beja, de Évora e de Portalegre, foram escolhidas para dar corpo a esta experiência pedagógica apostada em preparar os jovens para os desafios complexos que os esperam, designadamente do mercado de trabalho que vierem a encontrar.

A Fundação Gulbenkian convidou uma equipa da Universidade de Évora, liderada por José Verdasca, que coordenará o projeto. O mesmo será também acompanhado por um conselho consultivo constituído por vários especialistas na área educativa. ■



Jong Soo Kim, Artur Santos Silva e Eduardo Marçal Grilo © Mária Lessa



Colóquio/Letras homenageia Agustina

Antecipando o Congresso Internacional dedicado a Agustina Bessa-Luís a realizar nos dias 14 e 15 de outubro, na Fundação Gulbenkian, o mais recente número da *Colóquio-Letras* tem como tema principal a vida e obra da escritora.

Para além da apresentação de um texto inédito – “Três mulheres com máscara de ferro” –, vários artigos aprofundam aspetos particulares da sua obra: Agustina e os pensamentos alucinados, de Patrícia da Silva Cardoso; Memória cultural e ironia sexual em Fanny Owen, de Hilary Owen e Cláudia Pazos Alonso; Jogos da cabra-cega, de Anamaria Filizola; A cena é a vida, de Dalva Calvão; Agustina e o significado das coisas, de Álvaro Manuel Machado; e Agustina e Eugénio: uma epistolografia, de Eduardo Paz Barroso. O volume reúne ainda o olhar de seis romancistas – Maria Velho da Costa, Ana Margarida de Carvalho, Armando Silva Carvalho, Hélia Correia, Mário Cláudio e Lídia Jorge – sobre a vida e obra da escritora.

Outra presença a destacar é a de Vasco Graça Moura, recentemente desaparecido, homenageado no editorial de Nuno

Júdice e num texto da autoria de Rita Marnoto, no qual se realça o perfil do humanista.

Nesta edição da revista revela-se ainda um excerto do diário de Marcello Duarte Mathias e a habitual crónica é, desta vez, dedicada a Manuel de Castro e assinada por Hélder Macedo.

Entre os restantes artigos publicados destacam-se: A beleza luminosa dos ténues ecos homéricos: A Epopeia de Tennysson e a Mensagem de Pessoa, de Xingyue Zhou; Diagramas nos Sertões de Euclides da Cunha, de João Queiroz; Jorge de Sena: Opera Omnia ou a evidência da poesia, de António Carlos Cortez; Os caminhos habitados sobre a poesia de Fernando Guimarães, de Fernando J. B. Martinho; Uma viagem no outono ou a solidão do olhar, que se detém sobre a obra de Rui Nunes, de Maria João Reynaud; e Obscura Luz, de Eduardo Lourenço sobre Escuro, de Ana Luísa Amaral. Isabel Pavão é a pintora convidada.

Uma separata consagrada a Diogo Bernardes, a partir de seis das elegias, incluindo um artigo de José Miguel Martínez Torrejón, completa este número da *Colóquio/Letras*. ■



Arca-relicário, oferecida a Fernando VI e Bárbara de Bragança, Espanha, 1729 © Patrimonio Nacional

Tesouros reais de Espanha

A Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian recebe um importante núcleo de Tesouros dos Palácios Reais de Espanha a partir de 22 de outubro.

Ao todo, estarão em exposição 141 obras pertencentes a vários monarcas, numa mostra que dará a ver diferentes formas de transmissão da imagem da Monarquia, quer como instrumento ideológico do poder quer como reflexo dos gostos, vivências e ocupações da família real.

O fio condutor estabelecido para esta exposição, intitulada *A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha*, privilegia as relações políticas e familiares entre as duas monarquias ibéricas, para além de revelar o colecionismo e mecenato assumidos pela Casa Real de Espanha. Desde os tempos de Isabel, a *Católica*, até Isabel de Bragança

(fundadora do Museu Nacional do Prado). A exposição remete para a história complexa de Espanha, feita de glória e também de desilusões, mas onde a produção de arte e cultura se manteve sempre de altíssima qualidade.

A exposição é promovida pelo Patrimonio Nacional de Espanha, instituição responsável pela preservação, salvaguarda e divulgação de um dos legados mais importantes do seu património histórico, enquanto herdeiro dos bens móveis e imóveis que pertenceram à Coroa. Conta com o Alto Patrocínio do Rei de Espanha e do Presidente da República Portuguesa.

Seis momentos de uma exposição

INTRODUÇÃO

O retrato de Isabel, a *Católica*, abre a exposição e é acompanhado por objetos artísticos que lhe pertenceram. Já então a Casa Real valorizava a preservação do seu património, como as *Cantigas de Santa Maria*, obra de referência na cultura da Baixa Idade Média, guardada no Tesouro Real, instalado na época no Alcácer de Segóvia.

OS PALÁCIOS REAIS DE ESPANHA

Frente ao retrato de afirmação de Isabel, a *Católica*, que traduz a origem matricial de uma ideia de império, o visitante abarca com o olhar os vários palácios construídos pelas dinastias de Habsburgo e de Bourbon, todos localizados em territórios que haviam pertencido aos Trastâmara, de que Isabel foi a última representante.

A CORTE ITINERANTE

Lugar de destaque é dado às relações familiares no tempo de Carlos I de Espanha, figura de relevo da dinastia de Habsburgo, fundada por seu pai, Filipe, o *Belo*. O casamento com Isabel de Portugal é o ponto de partida para evocar a sua descendência, através de uma galeria de retratos vinda do Convento das Descalças Reais e do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

A MONARQUIA DUAL

Um espaço próprio é concedido ao herdeiro de Carlos I, Filipe II, e ao seu grande empreendimento que foi o Mosteiro de São Lourenço do Escorial, onde, ao lado dos artistas chamados a contribuir para esta glória de Espanha,



Afonso X, o Sábio (1221-1284), compilador de Cantigas de Santa Maria, Espanha, século XIII
© Patrimonio Nacional

estão as obras de autores consagrados, revelando o gosto do rei pelo colecionismo, prática continuada pelos seus descendentes. Aqui se expõem pinturas de Joachim Patinir, Ticiano, El Greco, Zurbarán e Juan Van der Hamen.

A religiosidade dos membros da dinastia de Habsburgo, em Espanha, é ilustrada por magníficas obras existentes em complexos religiosos de fundação régia. É o momento de apresentar retratos por Pantoja de la Cruz, Alonso Sánchez Coello, pelo português Cristóvão de Morais, ou pelo flamengo Frans Pourbus, o *Jovem*. Salienta-se também o colecionismo dos sucessores de Filipe II, com destaque para Velázquez, que realizou obras encomendadas por Filipe IV, e Rubens. Neste núcleo apresentam-se artistas como Luca Giordano, com vasta produção em Espanha, e Caravaggio, com a única obra pertencente ao Patrimonio Nacional.

UMA NOVA DINASTIA: OS BOURBON

A dinastia de Bourbon, iniciada com Filipe V, está largamente documentada na exposição, com enfoque na construção e renovação de palácios.

As relações entre Espanha e Portugal são igualmente ilustradas através de retratos e objetos pessoais que evocam os casamentos entre o futuro Fernando VI e Bárbara de



Relicário em forma da Catedral de Milão, Itália, segunda metade do século XVI
© Patrimonio Nacional



Vista do Mosteiro Real de São Lourenço do Escorial, Espanha, primeiro terço do século XVII © Patrimonio Nacional

Bragança, e do futuro D. José de Portugal com Mariana Vitória, em 1729.

A evolução do gosto na segunda metade do século XVIII, entre o Rococó e o Neoclassicismo, está presente através de peças de artes decorativas que ornamentaram as residências reais, renovadas por Carlos III e Carlos IV. Este núcleo integra o retrato de Carlota Joaquina por Mariano Maella, contraponto ao retrato de Mariana Vitória por Nicolas de Largillier, uma das obras emprestadas pelo Museu Nacional do Prado.

MUDANÇA DE PARADIGMA NA FORMAÇÃO DAS COLEÇÕES REAIS

A Guerra Peninsular despertou nos artistas, como Francisco de Goya, obras que, refletindo sobre um período de barbárie, transmitem a crença num futuro melhor, de liberdade e de esperança.

Eis o momento para evocar a rainha Isabel de Bragança, que obteve a concordância do marido, Fernando VII, para a fundação do Museu do Prado, enriquecido especialmente por doações reais – património privado tornado público. ■



Oficina de Peter Paul Rubens (1577-1640), Retrato de Felipe IV, com vestes bordadas a ouro, c.1632 © Patrimonio Nacional

Catálogo *raisonné* de exposições online

A Fundação Calouste Gulbenkian iniciou a preparação de um Catálogo *Raisonné Online* das suas exposições de forma a projetar internacionalmente a memória expositiva da Fundação e a participar no amplo debate internacional que decorre na área da História das Exposições, disciplina emergente da História de Arte e Estudos de Museus. O projeto, iniciado este ano, tem em curso um profundo trabalho de investigação, baseado na inventariação, estudo e divulgação da informação proveniente do vasto espólio do Arquivo da Fundação, que documenta as exposições realizadas a partir de 1957, nos fundos documentais da Biblioteca de Arte e noutras fontes relacionadas. A sistematização da informação reunida será assegurada por uma base de dados *online*, que tornará acessível à comunidade científica, e também ao público em geral, a história da atividade expositiva da Fundação.

Para a concretização deste projeto foi estabelecida uma parceria estratégica com o Instituto de História da Arte – FCSH/NOVA que, através do seu grupo de investigação em *Museum Studies*, apoia cientificamente este estudo, promovendo a formação integrada de investigadores, nomeadamente através da orientação de estágios curriculares, de dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Ainda no contexto desta investigação, e em parceria com o Arquivo da Fundação e da Biblioteca de Arte, está previsto um programa editorial dedicado aos artistas bolsseiros da Fundação Calouste Gulbenkian. Finalmente, prevê-se a realização de exposições no âmbito da comemoração dos 50 anos da inauguração do Edifício Sede e do Museu Gulbenkian, em 2019.

AS EXPOSIÇÕES GULBENKIAN

A Fundação Calouste Gulbenkian assumiu, desde a sua constituição em 1956, um papel interventivo e transformador nas artes plásticas portuguesas. A promoção de jovens artistas e de novas tendências da arte nacional e internacional e a divulgação de períodos anteriores da arte portuguesa foram determinantes para a atualização e dinamização do panorama artístico português, bem como para a recuperação e estudo do património arquitetónico e plástico. São sobretudo as exposições produzidas pela Fundação que mais expressivamente refletem a transversalidade da sua ação, constituindo-se como verdadeiros marcos na arte e na cultura portuguesas. São assinaláveis a qualidade e modernidade das suas montagens e programas curatoriais,



▲ Embalagem da obra *O Desterrado*, no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), 1967. Esta foi uma das numerosas peças expostas em Bruxelas, Paris e Madrid entre outubro de 1967 e maio de 1968, no âmbito da exposição itinerante *Arte portuguesa. Escultura e pintura do naturalismo aos nossos dias*, organizada pela FCG.

nos quais intervieram nomes destacados da arquitetura, artes, *design* e história da arte portugueses.

A coordenação científica do projeto está a cargo de Helena de Freitas, da Fundação Gulbenkian, e de Raquel Henriques da Silva, historiadora de Arte e professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O projeto conta também com as investigadoras da Universidade Nova Leonor de Oliveira e Joana Baião e de Lúcia Luz, da Fundação Gulbenkian.



▲ *Pinturas da Coleção Calouste Gulbenkian*, Museu Nacional de Arte Antiga, 1961-1963. Comissariada por Maria Teresa Gomes Ferreira (Serviço de Museu da FCG) e por João Couto (diretor do MNAA), esta exposição tinha como objetivo tornar conhecidas em Portugal as principais coleções de obras de arte legadas por Calouste Gulbenkian, antes de haver oportunidade de as apresentar “no Museu que, para o efeito, se vai construir no Parque de Santa Gertrudes, em Lisboa”.

▼ *A Rainha D. Leonor*, Mosteiro da Madre de Deus, 1958-1959. A Fundação patrocinou as obras de restauro do Mosteiro da Madre de Deus propositadamente para a realização desta exposição, que visava evocar a ação caritativa e mecenática da Rainha, o que coincidia com os próprios fins da Fundação. O arquiteto Francisco Conceição Silva liderou a equipa responsável pela montagem desta exposição. O grande número de visitantes obrigou a adiar o seu encerramento e a alargar o horário de visita das 21h30 às 24h.





◀ O diretor do Centro de Arte Moderna, José Sommer Ribeiro e o Presidente da República, general Ramalho Eanes, na inauguração da exposição *Almada*, Centro de Arte Moderna, 1984.



► *Almada Negreiros e o espetáculo*, Centro de Arte Moderna, 1984. Almada Negreiros foi o artista escolhido para a exposição comemorativa do 1.º aniversário do Centro de Arte Moderna e do 28.º aniversário da Fundação. Tratou-se de uma exposição retrospectiva que procurou ser o mais completa possível e apresentar as diferentes tipologias do trabalho do artista. O Serviço

de Documentação e Pesquisa teve um papel fundamental nesta exposição, possibilitando a reunião e investigação de materiais muito diversos. Foram expostas obras inéditas e divulgou-se a pluridisciplinaridade do percurso de Almada Negreiros nas áreas do espetáculo, teatro e bailado.

Novo portal do mundo lusófono

Plataforma 9 é como se designa o novo portal cultural do mundo lusófono que pretende tornar-se “o site de referência para todas as pessoas e instituições interessadas em receber informação fiável e atualizada sobre tudo o que está a acontecer e é preciso saber na cultura e na investigação em e de língua portuguesa”.

O novo site agrega notícias e informação sobre financiamento, bolsas, emprego, formação, congressos, investigação, projetos e publicações em nove territórios que falam a língua portuguesa: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Galiza e Timor. Tem como principal objetivo a articulação em rede de organismos, universidades, instituições e programas nacionais e internacionais, com incidência nos domínios da Língua e das Culturas em Português.

O site Plataforma9 resulta de uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas, e a Associação Internacional de Lusitanistas. ■

www.plataforma9.com



Um dia especial para celebrar o outono

Desenhar, conversar, ouvir e contar histórias são apenas algumas das propostas do Descobrir para o dia **20 de setembro**. Depois do sucesso do passado dia 22 de março, em que o jardim se encheu para acolher a primavera, o Programa Gulbenkian – Educação para a Cultura e Ciência voltou a preparar um dia de diversas atividades para todas as idades para marcar a chegada do outono.

Nestes *Encontros no Equinócio*, destaque para a presença dos Urban Sketchers Portugal que, de diário gráfico na mão, vão ensinar a observar e registar através do desenho, particularidades e vivências do Jardim Gulbenkian. ■

www.descobrir.gulbenkian.pt



“Bem Hajam!” de Vassili Grossman

AD. Quixote, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, editou *Bem Hajam! – Apontamentos de Viagem à Arménia*, a última obra de Vassili Grossman, nome fundamental na literatura de Leste.

Com prefácio de Razmik Panossian, diretor do Serviço das Comunidades Arménias, este livro acompanha as descrições, impressões e observações recolhidas durante dois meses pelo escritor, em 1961, quando esteve no país de origem de Calouste Gulbenkian.

Entre descrições de locais deslumbrantes, como o monte Ararat, e relatos de conversas com homens perseguidos e comunistas convictos, Grossman pinta um retrato de uma terra distante, sob o domínio da União Soviética, sem medo de abordar temas como o nacionalismo, os genocídios e as difíceis condições de vida de muitos arménios. ■



Cristina Zhou | 28 anos | Língua e Cultura Portuguesa *

De Xangai para Coimbra, à procura da língua de Fernando Pessoa

COMO SURTIU O INTERESSE PELA LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS?

Por via literária, mais especificamente, por via pessoana. A minha paixão pela literatura europeia, especialmente pela inglesa e italiana, já vem da infância. Porém, quando andava no liceu, um belo dia encontrei, por acaso, uns poemas de Fernando Pessoa (traduzidos em chinês), entre os quais as magníficas odes de Álvaro de Campos. Fiquei pasmada. Decidi então estudar a língua e cultura portuguesas para apreciar melhor este escritor mais que extraordinário.

ESTÁ NESTE MOMENTO A FAZER UM DOUTORAMENTO SOBRE A POESIA PORTUGUESA DA MODERNIDADE. O QUE A FASCINA NA POESIA?

Estudo a mundividência esotérica na poesia portuguesa da modernidade. Surpreende-me o impacto profundo que as

grandes tradições esotéricas têm nos proeminentes autores modernos. Fascina-me a atitude extremamente rebelde e nobre destes grandes poetas. Numa época de positivismo triunfal e de materialismo eufórico, a criação literária tinha um sentido grave, um valor sublime. Os grandes escritores da modernidade fitaram o futuro e o infinito com um olhar firme e heroico. São, verdadeiramente, continuadores do espírito *ars vitrix* do alto romantismo, que conseguiram cultivar o poder espiritual da poesia e dignificar a consciência humana.

COMO FOI A ADAPTAÇÃO DE XANGAI PARA COIMBRA?

A adaptação em si não foi difícil. Tive sorte em conhecer algumas pessoas valiosas. Além disso, sou e tenho orgulho de ser uma pessoa cosmopolita e aventureira. A minha casa é todo o mundo. Claro, Coimbra é muito mais tranquila e



Coimbra

tradicional do que Xangai. No início, foi uma terapia ideal para mim, que estava saturada da agitação da grande metrópole asiática. Depois, comecei a conhecer Coimbra de uma maneira mais profunda. Hoje, depois de cinco anos a viver nesta cidade, posso dizer que a conheço bem. E talvez ela a mim também.

ADOTOU O NOME PORTUGUÊS “CRISTINA”. ALGUMA RAZÃO EM PARTICULAR?

De facto, não. Agrada-me a musicalidade do nome. Escolhi este nome por sua pronúncia cristalina e aquosa. Depois é que me lembrei que tenho três vezes o carácter “água” no meu nome chinês (淼), e que gosto imenso de Christina Rossetti [autora inglesa da segunda metade do século XX].

PROJETOS PARA O FUTURO?

Naturalmente, gostaria de continuar a fazer investigação sobre a literatura portuguesa, se as condições mo permitirem. Se tudo correr bem, provavelmente vai haver um projeto editorial sobre a poesia do fim de século, sob a orientação de Jerónimo Pizarro (neste momento o meu coorientador). Quero também aprofundar os meus conhecimentos sobre o esoterismo ocidental, isto talvez fora de Portugal. Numa área paralela ao meu doutoramento, colaboro com a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra em alguns projetos sobre a Medicina chinesa. Tento manter a minha mente sempre aberta e curiosa, a fim de receber novas inspirações, sintetizar os conhecimentos de diferentes áreas e trazer alguma coisa original para os meus estudos. ■

**Bolsa de Estudo – Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

Teatro, dança, música e cinema



As Confissões Verdadeiras de Um Terrorista Albino © Sofia Berberan

Ao longo do mês de setembro, na Fundação Gulbenkian, mas também noutros palcos de Lisboa, o Próximo Futuro apresenta a segunda parte da sua programação de verão, com espetáculos de teatro, dança, música e cinema. Em copresentação com o Festival Santiago a Mil, o Próximo Futuro traz-nos três espetáculos do Chile: *Otelo* (Teatro Nacional D. Maria II, **16 e 17 setembro**), um clássico de Shakespeare numa versão de teatro de marionetas pela companhia do consagrado ator, dramaturgo e encenador Jaime Lorca; *La Reunión* (Teatro do Bairro, **12 a 14 setembro**), uma criação de Trinidad González que parte de um facto histórico – a prisão de Cristóvão Colombo decretada pelos Reis Católicos – para questionar as relações de poder entre os homens; e *Escuela* (Teatro do Bairro, **6 e 7 setembro**), o mais recente trabalho do aclamado encenador Guillermo Calderón, presença recorrente na programação de teatro do Próximo Futuro (*Neva*, 2010 e *Villa + Discurso*, 2011), sobre quatro jovens militantes que na década de 80 recebem formação paramilitar para derrubar o regime de Pinochet. Fora de Lisboa, estes três espetáculos de produção chilena ainda poderão ser vistos mais a sul, no Cine-Teatro Louletano (**11, 17 e 20 setembro**).

A produção nacional de teatro está presente nesta programação com duas estreias: *As Confissões Verdadeiras de Um Terrorista Albino* (Teatro do Bairro, **2 a 4 setembro**), um retrato autobiográfico dos anos de cárcere do autor sul-africano Breyten Breytenbach, encenado por Rogério de Carvalho com o Teatro Griot; e *Pedro Páramo* (Teatro Meridional, **9 a 11 setembro**), obra do mexicano Juan Rufo

que o Teatro Meridional põe em cena, com direção de Miguel Seabra, reunindo um elenco que conta com Natália Luiza, Ivo Canelas e Romeu Costa, entre outros.



In-organic

DANÇA

Também inéditos em Portugal são os dois espetáculos de dança que o Próximo Futuro apresenta a **5 e 6 de setembro**, no palco do Grande Auditório Gulbenkian: *In-organic*, da coreógrafa brasileira Marcela Levi, considerado um dos trabalhos mais inovadores de dança nos anos recentes, e *Puto Gallo Conquistador*, um espetáculo em estreia na Europa, da criadora uruguaia Tamara Cubas, que questiona a partir do imaginário coletivo o processo colonial no Uruguai, onde a população indígena e a sua língua foram extintas.

MÚSICA

No dia **13 de setembro**, acontecerá a estreia em Portugal do espetáculo *Eterno Pixinguinha* em homenagem ao compositor, instrumentista, regente e arranjador que se tornou um dos pilares da moderna música popular brasileira e que muito contribuiu para a popularização do choro. Sob direção artística de Paulo Aragão, no espetáculo *Eterno Pixinguinha* será recriada a sonoridade do Pessoal da Velha Guarda, um programa de rádio que marcou o panorama musical brasileiro nas décadas de 1940 e 50, e onde Pixinguinha (Alfredo da Rocha Vianna Filho, 1897-1973) demonstrou todo o seu génio e virtuosismo enquanto músico, maestro e orquestrador.

CINEMA

No Grande Auditório será projetado, em estreia mundial, o documentário *No Reino Secreto dos Bijagós*, primeira parte de um trabalho de pesquisa levado a cabo por Luís Correia



Eterno Pixinguinha © David Drew Zingg

(Lx Filmes), no qual contou com a participação do histórico realizador guineense Sana Na N'Hada e da realizadora Noémie Mendelle. O filme, que será exibido numa sessão única a **15 de setembro**, propõe uma viagem ao geograficamente isolado arquipélago dos Bijagós, pertencente à Guiné-Bissau, para conhecer o seu património natural e cultural, um mundo mágico e singular cada vez mais ameaçado pelo contacto com o exterior. ■



Still do filme *No Reino Secreto dos Bijagós*.

Orquestra XXI abre nova temporada

A ideia lançada por Dinis Sousa de formar uma orquestra composta por jovens músicos nacionais a residir, tal como ele, no estrangeiro, é já uma feliz e consolidada realidade. Depois de o projeto ter sido premiado no ano passado pelo concurso *FAZ – Ideias de Origem Portuguesa*, uma ação promovida pela Fundação que distingue projetos apresentados por portugueses a viver fora do país, a Orquestra XXI tem realizado residências sazonais em Portugal, seguidas de atuações em várias salas do país.

Marcou presença na reabertura do Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, em fevereiro passado, regressando agora para abrir a temporada Gulbenkian Música, no dia **7 de setembro**, cumprindo o seu propósito de manter uma ligação ao país, proporcionando, ao mesmo tempo, momentos musicais de grande qualidade ao público português.

Para além da *Quinta Sinfonia* de Beethoven, a Orquestra XXI tocará obras de Henry Purcell, *Chaconne em Sol menor*, Benjamim Britten, *Lachrymae*, op. 48, Maurice Ravel, *Le tombeau de Couperin*, e Luís Antunes Pena, *Vermalung IV – Ludwig v.*

A Orquestra XXI integra meia centena de músicos espalhados por cidades como Londres, Paris, Berlim, Zurique, São

Petersburgo, Madrid ou Amesterdão, tocando em prestigeadas orquestras, como a Orquestra Sinfónica de Londres, a Orquestra Nacional de França, a Filarmónica de Dresden ou a da Ópera de Zurique.

O seu diretor musical, Dinis Sousa, apresenta, em curta entrevista, este projeto especial a que chama “uma família em expansão”, apostado em reforçar os laços de tantos músicos portugueses espalhados pelo mundo com o seu país de origem.

DE QUE MODO O PROJETO DA ORQUESTRA XXI TEM

CORRESPONDIDO À IDEIA QUE ESTEVE NA SUA ORIGEM?

Na origem da Orquestra XXI esteve a vontade de manter um elo de ligação entre os músicos portugueses residentes no estrangeiro e o seu país de origem, assim como a de levar música de excelência a locais com atividade menos regular. O projeto conquistou de imediato os músicos, que demonstraram um verdadeiro empenho em assumi-lo na primeira pessoa, transformando-o numa espécie de família em expansão.

Era nosso objetivo fazer a orquestra circular tanto pelos grandes centros urbanos como fora destes e, nesse sentido,

temos atuado nas salas das grandes cidades assim como em locais menos prováveis, mas queremos trabalhar para descentralizar ainda mais a atividade da orquestra.

Há sempre trabalho para fazer e a atitude de todos os envolvidos é a de querer fazer sempre melhor, mas o nível do trabalho que tem sido realizado em tão pouco tempo de vida e numa orquestra com um carácter tão pouco regular tem-nos deixado muito satisfeitos. Para isso contribui o empenho de todos e a verdadeira vontade de fazer música com os mais elevados padrões de exigência.

COMO É FEITA A ESCOLHA DOS MÚSICOS?

Até agora não tem sido feita uma seleção da forma mais habitual nas orquestras sinfónicas. Temos uma lista em constante renovação que inclui a maioria dos músicos portugueses residentes no estrangeiro e tentamos equilibrar o conceito de rotatividade com o de alguma estabilidade dos membros que integram os diferentes projetos. O facto de alguém estudar ou viver fora de Portugal não é, por si só, uma credencial de qualidade, por isso tentamos ter em conta o percurso profissional de cada músico para tentar assegurar que reunimos o melhor grupo possível. O sistema habitual de provas de orquestra (com candidaturas, audições e eventualmente períodos de experiência) não é compatível com o modo de funcionamento da Orquestra XXI.

COMO CONCILIAM AS AGENDAS DE MODO A CONSEGUIR REALIZAR RESIDÊNCIAS E CONCERTOS EM PORTUGAL?

Tentamos marcar as datas com antecedência para os músicos poderem organizar as suas agendas com tempo, mas nem sempre é possível conciliar as agendas de todos. O que às vezes é surpreendente é ver como os músicos que integram o grupo dão prioridade aos projetos da Orquestra XXI, fazendo em alguns casos um grande esforço para poder marcar presença nos estágios e concertos.



Dinis Sousa © Público

QUAL FOI O MOMENTO MAIS MARCANTE DA VIDA DA ORQUESTRAS ATÉ HOJE?

Apesar da vida da Orquestra XXI ser muito curta (um ano, em setembro) é difícil isolar um momento como o mais marcante. O Prémio FAZ – *Ideias de Origem Portuguesa*, que em junho de 2013 permitiu avançar com a criação da orquestra, foi sem dúvida marcante. O facto de ter sido um projeto de músicos (o primeiro a concorrer em duas edições) a vencer um prémio de empreendedorismo social ajudou-nos a levar esta ideia a uma dimensão que não pensávamos possível.

Depois disso, o concerto na Casa da Música, na primeira digressão (o primeiro momento em que a orquestra se apresentava numa sala “institucional”), foi um momento muito emocionante para todos nós. Mas também é difícil esquecer o primeiro ensaio, quando começámos a aperceber-nos de que o projeto estava realmente a acontecer e que todos estes músicos estavam a reunir-se em torno de um objetivo comum.

Acreditamos que será mais fácil daqui a alguns anos olhar para trás para escolher um momento mais marcante. Por enquanto, todos os momentos da orquestra acabam por ser de alguma forma marcantes para nós. ■



© João Paulo Coutinho



Júlio Resende © Pedro Cláudio

*No dia 11 de setembro, o pianista Júlio Resende sobe ao palco do Anfiteatro ao Ar Livre, no Jardim Gulbenkian, para o concerto de abertura da temporada **Músicas do Mundo**. A acompanhá-lo em **Fado & Further**, o título escolhido para este espetáculo inédito, estarão duas das mais poderosas vozes da atualidade, a fadista **Gisela João** e a catalã **Sílvia Pérez Cruz**.*

O fado e o piano não estão tradicionalmente associados um ao outro, mas Júlio Resende, pianista de formação mais ligada ao jazz, acredita num casamento feliz entre estes dois mundos. Já em *Amália*, o seu primeiro registo a solo, editado no ano passado, Resende e o seu piano tomavam o lugar habitualmente ocupado pela guitarra portuguesa e juntavam-se a gravações da maior voz que o fado alguma vez ouviu, numa união que mostrou ter tanto de singular como de emocional.

Para este novo desafio, que poderá ser traduzido como “Fado e em frente”, a vontade parece ser a de ir um pouco mais longe, pegando não só no património musical de raízes lusas, que é o fado, mas também no do nosso país vizinho, neste caso, o flamenco. Para cumprir esta tarefa, Júlio Resende vai fazer-se acompanhar por duas das mais fascinantes vozes de uma nova geração de cantoras: Gisela João e Sílvia Pérez Cruz.

Com apenas um álbum editado (disco homónimo lançado em 2013 que ficou no topo de várias listas de melhores do



Gisela João © Estelle Valente

ano), a fadista natural de Barcelos conquistou o público e a crítica em Portugal.

A outra escolha recaiu sobre Silvia Pérez Cruz que, embora sem o mesmo reconhecimento por cá que a sua parceira para este evento, tem uma voz e uma alma que merecem ser ouvidas. Com um registo maioritariamente ligado á tradição espanhola, Pérez Cruz não é artista de ficar amarrada às raízes, contando no seu repertório com versões de canções de todo o mundo, e em várias línguas, sempre com o olhar voltado para o mundo, mas com um pé bem assente na sua cultura de origem.

É com este jovem trio de luxo que o Anfiteatro ao Ar Livre recebe uma noite de união e exploração de tradições. *Fado & Further* realiza-se na quinta-feira, 11 de setembro às 21h, e os bilhetes têm o preço único de 15 €. ■



Silvia Pérez Cruz

Gulbenkian Música Agenda

DOMINGO | 7 SETEMBRO | 19H

Grande Auditório

Orquestra XXI

Dinis Sousa *Maestro*

Jano Lisboa *Viola*

QUINTA | 11 SETEMBRO | 21H

Anfiteatro ao Ar Livre

Músicas do Mundo

Júlio Resende *Piano*

Gisela João *Voz*

Silvia Pérez Cruz *Voz*

Fado & Further

SEXTA | 12 SETEMBRO | 21H

Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Magnus Lindberg *Maestro*

Feria de Lindberg e obras desenvolvidas no âmbito do *Workshop* da Orquestra Gulbenkian para Jovens Compositores

DOMINGO | 14 SETEMBRO | 19H

QUARTA | 17 SETEMBRO | 19H

Grande Auditório

Festival Cantabile

Diemut Poppen *Viola e Direção*

Solistas do Festival Cantabile e da Orquestra Gulbenkian
Mozart, Poulenc. Carter e Fauré, Claude Debussy,
Winkelmann, Ravel e Schubert

SEXTA | 19 SETEMBRO | 21H

Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Esa-Pekka Salonen *Maestro*

Beethoven, Salonen

QUARTA A SEXTA | 24, 25, 26 SETEMBRO

Prémio Jovens Músicos

SÁBADO | 27 SETEMBRO | 19H

Grande Auditório

Artur Pizarro *Piano*

Integral das obras para Piano de Rachmaninov IV

DOMINGO | 28 SETEMBRO | 19H

Grande Auditório

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *Maestro*

Lionel Peintre *Baritono e Narrador*

Stravinsky, Aperghis

Últimos dias para visitar sete exposições

Do Centro de Arte Moderna ao Museu Gulbenkian, são sete as exposições temporárias que terminam durante o mês de setembro. Desde o olhar fotográfico de Edgar Martins sobre o interior da Agência Espacial Europeia aos desenhos e aquarelas da coleção de Calouste Gulbenkian, passando pela exposição coletiva do programa Próximo Futuro e outras quatro propostas, há muito por onde escolher até ao final de setembro.

ATÉ 7 DE SETEMBRO

A IMPOSSIBILIDADE POÉTICA DE CONTER O INFINITO

Galeria de Exposições Temporárias – Edifício Sede, piso -1
Curadoria Leonor Nazaré

Edgar Martins mostra-nos, através da sua fotografia, um olhar inédito sobre o interior de uma agência espacial. Com imagens recolhidas ao longo de um ano em nove países e três continentes, pode ver-se o universo da Agência Espacial Europeia, que pela primeira vez abriu portas a um olhar externo.

ATÉ 7 DE SETEMBRO

ARTISTAS COMPROMETIDOS? TALVEZ

Jardim e Galeria de Exposições Temporárias
Edifício Sede, piso 0
Curadoria António Pinto Ribeiro

Incluída na edição de verão do Próximo Futuro, esta exposição reúne trabalhos de 21 artistas europeus, africanos e sul-americanos. São mais de duas dezenas de obras em suportes variados: fotografia, escultura, instalação, pintura, desenho, filmes e vídeo, que pretendem questionar de que forma pode o artista comprometer-se num mundo globalizado.



Gregor Graf (1976, Austria), *Landscape 1*, 2014, Fotografia. Cortesia da coleção do artista © Gregor Graf

▲ ATÉ 21 DE SETEMBRO

DAQUI PARECE UMA MONTANHA

CAM

Curadoria Luísa Santos

Esta mostra de artistas contemporâneos austríacos, dinamarqueses e portugueses toca em ambivalências como o parecer e o ser, o desejar e procurar uma realidade diferente, aparentemente maior e melhor, e o voltar à zona de conforto, partindo de uma metáfora de três países europeus pequenos, lado a lado com os seus vizinhos maiores.



Rembrandt Harmensz van Rijn (1606-1669). *Figura de Velho*.



Paula Rego (1935). *O Tempo: Passado e Presente*, 1990

◀ **Até 21 de Setembro**

MEETING POINT

Museu Calouste Gulbenkian

Galeria de Exposições Temporárias

Curadoria Helena de Freitas

Nesta primeira edição da iniciativa que pretende colocar em diálogo (ou confronto) as coleções do Museu Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna, as obras *Figura de Velho*, de Rembrandt e *O Tempo, Passado e Presente*, de Paula Rego são postas frente a frente.

▶ **Até 21 de Setembro**

O TRAÇO E A COR. DESENHOS E AGUARELAS NA COLEÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Museu Calouste Gulbenkian

Sala de Exposições Temporárias

Curadoria Manuela Fidalgo

Por assumidamente não ter uma grande admiração por desenhos e aguarelas, Calouste Gulbenkian apenas adquiria aqueles que considerava terem uma beleza inegável. Agora, pela primeira vez, a sua coleção de desenhos e aguarelas é apresentada num todo, incluindo trabalhos de Dürer, Guardi e Turner, entre muitos outros.

Até 28 de Setembro

TÚLIA SALDANHA

CAM

Curadoria Rita Fabiana e Liliana Coutinho

A exposição de Túlía Saldanha dá a conhecer a obra de uma das primeiras artistas a trabalhar em Portugal no campo da performance e da instalação. Desde cedo inicia a construção de “ambientes” ou “envolvimentos” e de instalações, empreendendo ações performativas que podem ser agora recordadas no Centro de Arte Moderna.

Até 28 de Setembro

PROSPECTO, CENA III, INTERVALO E CENA IV

CAM

Curadoria Rita Fabiana

A partir da obra escrita de William Morris, o artista André Guedes desenvolveu um projeto para a Sala Polivalente e a Galeria de Exposições Temporárias do CAM com o objetivo de criar um novo espaço narrativo no qual cruza uma visão crítica com a História.



Jules-Adolphe-Aimé-Louis Breton (1827 – 1906). *Faneuse au repos*. França, 1891.

De terça a domingo, das 10h às 18h.

Passé diário para todas as exposições 15 €
(inclusive coleções permanentes do Museu Calouste Gulbenkian e do CAM).

Domingos: entrada gratuita



Elogio do Inacabado

Cinco inéditos de Agustina Bessa-Luís, concluídos na segunda metade da década de 60, acabam de ser editados pela Fundação Calouste Gulbenkian num único volume intitulado *Elogio do Inacabado*. A publicação acontece por ocasião do Congresso Internacional *Ética e Política na Obra de Agustina Bessa-Luís*, que irá realizar-se a 14 e 15 de outubro, na Fundação Gulbenkian, e no decorrer do qual será apresentado este livro. O Congresso é organizado pelo Círculo Literário Agustina Bessa-Luís.

Os cinco manuscritos que integram este volume – Homens e Mulheres; As Grandes Mudanças; Coração-de-Água; O Caçador Nemrod; Os Meninos Flutuantes – são esboços de romances que Agustina Bessa-Luís escreveu durante um interregno editorial que só terminou em 1970 (com a publicação de *As Categorias*), conta-se na nota de apresentação deste livro.

O prefácio, assinado por Silvina Rodrigues Lopes, relembra: “Os textos não publicados pelo autor, que ficaram inacabados, podem ter sido objeto de abandono, adiamento, ou ser esboços que depois são retomados noutros livros. A sua edição vem cumprir o que neles ficou interrompido, o endereçar-se aos leitores.” A especialista da obra de Agustina Bessa-Luís assegura também no prefácio que os livros da autora “estão entre os instauradores da modernidade literária, que não se confunde com ideias vanguardistas ou de progresso, e onde se afirma que a liberdade não é uma prerrogativa de que se usufrui, mas uma exigência”.

Segundo Mónica Baldaque, filha de Agustina Bessa-Luís, os cinco romances que a Fundação agora publica estão todos incompletos por decisão da autora, à exceção de um. “A minha mãe sempre defendeu o inacabado, foi uma constante ao longo da sua obra”, disse a também diretora do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís em declarações à Agência Lusa, em outubro de 2013.

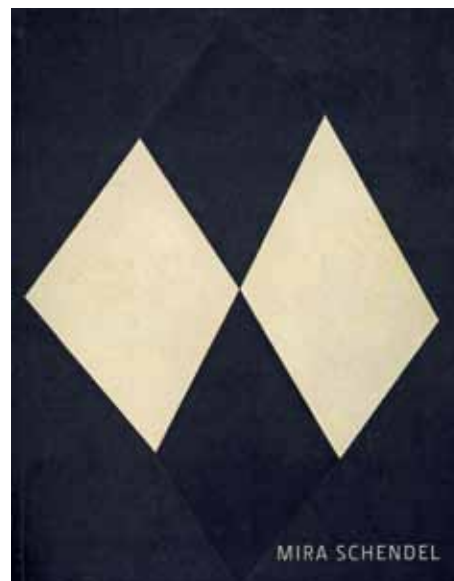
O primeiro livro de Agustina Bessa-Luís, *Mundo Fechado*, foi editado em 1948. Desde então a escritora publicou ficção, ensaios, teatro, crónicas, memórias, biografias e livros para crianças. Várias obras suas foram adaptadas ao cinema por realizadores como Manoel de Oliveira e João Botelho. O romance *A Sibila*, que celebra este ano o 60.º aniversário da sua 1.ª edição, valeu-lhe os prémios Delfim Guimarães, em 1953, e Eça de Queiroz, em 1954. Em 2004, a escritora foi distinguida pela totalidade da sua obra com os prémios Camões e Vergílio Ferreira, que se somam a muitos outros galardões. Nos últimos anos, Agustina Bessa-Luís tem estado retirada da vida pública por razões de saúde.

Depois da apresentação em Lisboa, está prevista a apresentação de *Elogio do Inacabado* no Porto. ■

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

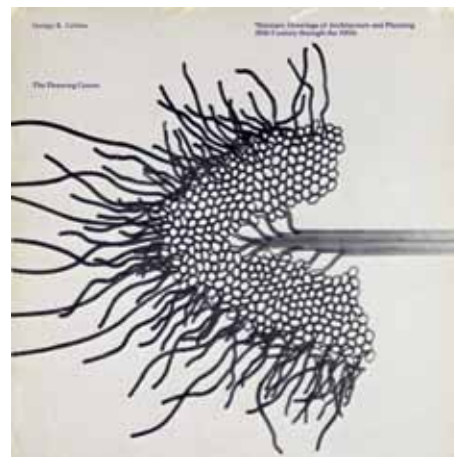
No dia 24 de junho, encerrou no Museu de Serralves a maior exposição retrospectiva internacional dedicada à obra de Mira Schendel, artista nascida em Zurique em 1919 e falecida em São Paulo, em 1988. Inaugurada na Tate Modern de Londres em 2013, a exposição pode ser vista até 19 de outubro na Pinacoteca de São Paulo, tendo sido estas duas instituições as responsáveis pela sua organização, em associação com o museu português. Embora seja um dos nomes mais relevantes do panorama artístico contemporâneo do Brasil e da América do Sul, a obra de Mira Schendel só agora começa a ter a distinção merecida no contexto europeu e norte-americano. Em Portugal, a primeira exposição individual dos seus trabalhos aconteceu na década de 1960, na extinta Galeria Bucholz, em cujo pequeno catálogo José-Augusto França escreveu: “Os desenhos de Mira falam-nos de conhecimento e de informação – mas, quando procuramos decifrá-los, é bem a sagesa e o encantamento que encontramos nas suas profundezas.”

A britânica Tanya Barson (Tate Modern) e a brasileira Taisa Palhares (Pinacoteca) foram as curadoras responsáveis pela escolha de mais de 200 obras de Mira Schendel, entre pinturas, esculturas, desenhos e instalações, algumas das quais mostradas agora pela primeira vez. Com edição conjunta da Tate Publishing e da Pinacoteca, o catálogo que acompanha esta exposição tem duas versões: uma em inglês e outra em português (que pode ser consultada na Biblioteca de Arte). A versão portuguesa (que teve a colaboração do Museu de Serralves) é mais alargada, contém ensaios das duas curadoras, assim como de Cauê Alves, Isobel Whitlegg, John Rajchman e Lisette Lagnado, uma entrevista com a artista e outra com o poeta, ensaísta, tradutor e crítico Haroldo de Campos (1929-2003), uma cronologia e uma bibliografia selecionada, assim como a reprodução das obras em exposição. ■



Em 1979, o então recentemente inaugurado The Drawing Center (Nova Iorque) apresentou uma exposição que reunia um conjunto de desenhos relativos a projetos de edifícios e de cidades, produzidos ao longo de seis décadas do século XX (1901-1970), que tinham em comum a particularidade de não terem sido executados tal e qual os seus autores os concebiam. Comissariada pelo historiador de arte e de arquitetura George R. Collins (1917-1993), esta exposição foi uma das primeiras a mostrar desenhos originais de projetos da designada “arquitetura visionária” ou “arquitetura de papel”, criados em diferentes momentos do século passado.

Da exposição ficou um pequeno catálogo, em cujo interessante texto de introdução Georges R. Collins explica que o seu objetivo maior foi demonstrar a diversidade e vastidão do que pode ser considerado como “visionário” em arquitetura e faz uma breve história deste tipo de projetos, remontando às cidades ideais do Renascimento e às utopias do século XIX. Collins salienta ainda que embora estas propostas visionárias surjam, geralmente, fora do tempo em que são produzidas, isso não significa, porém, que sejam de todo fantasistas e/ou irrealistas. O catálogo apresenta projetos de vários autores, como Otto Frei, Le Corbusier, Noriaki Kurokawa, Louis Khan, Hugh Ferriss, Yona Friedman, Peter Cook, Paolo Soleri, Richard Neutra e Frank Lloyd Wright, cada um acompanhado por um texto e uma ilustração. ■



Museu Calouste Gulbenkian

Paisagem ao Entardecer

Jean-François Millet

Neste desenho, Jean-François Millet transporta-nos para os arredores da Floresta de Fontainebleau, mais precisamente para Barbizon, onde iria permanecer, com curtas ausências, até ao final dos seus dias. Aqui se instalou com a família, deixando para trás os conflitos políticos gerados pela Revolução de 1848, em Paris. Para Millet, a viagem da cidade para o campo significou o retorno à Natureza que se tornaria o tema das suas obras. A existência em Barbizon de vastas planícies, de campos onde trabalhavam arduamente camponeses de temperamento sombrio, remetia-o para recordações da sua aldeia na Normandia, Gruchy, levando-o a declarar: “Sou um camponês, e nada mais do que um camponês.”

Millet não resistia à beleza, à calma e à grandeza da floresta, para onde corria ao final da tarde, após o dia de trabalho. Na sua obra surgem, assim, as impressões colhidas na Natureza, quer seja na paisagem quer seja nas figuras que a habitavam. Com uma linguagem naturalista expressa as condições da vida rural. São camponeses, homens e mulheres, seres humildes, na maior parte das vezes, de semblantes rudes e grosseiros, esquecidos de si próprios, resignados, envolvidos em trabalhos duros e monótonos. Estas personagens representavam os protagonistas das ações mais simples da vida humana cuja grandeza moral Millet traduzia com um significado profundo e épico.

Na conceção da obra pictórica, Millet contava com a intervenção do desenho na realização antecipada de inúmeros esboços realizados ao ar livre ou de estudos trabalhados em estúdio para a concretização de temas mais ambiciosos. Dedicou-se, no entanto, igualmente, à realização de desenhos acabados com que satisfazia a grande procura por parte dos colecionadores que se tornaram seus clientes habituais.

O desenho da Coleção Gulbenkian exemplifica estas duas categorias gráficas. Na realidade, a paisagem representada não se relaciona com nenhuma pintura conhecida do artista. Trata-se, seguramente, de uma vista de Barbizon familiar ao pintor, nas proximidades da pequena casa com jardim em que se instalou com a família, a dois passos da floresta a que podia aceder diretamente. Esta ideia é reforçada pela leitura da carta que Millet dirigiu a um seu amigo, Alfred Sensier (1815-1877): “[...] O campo é belo. Os pequenos caminhos bordejados de choupos, que encontra-

mos na orla de Barbizon, causam uma impressão encantadora, são de uma frescura verdadeiramente idílica. Com este cenário, poder-se-ão criar as mais belas obras do mundo.”

Neste desenho, a paisagem pura de onde está excepcionalmente ausente o ser humano, leva-nos a um caminho que se abre no primeiro plano, ladeado por uma cortina de choupos, mais densos na proximidade do observador, mais subtis ao longe. Estas árvores, elegantemente delineadas por finos traços paralelos e verticais, surgem em numerosas obras de Millet. No lado direito da composição, abre-se a vasta planície vizinha onde se destaca uma árvore central, isolada e ligeiramente quebrada. Toda a composição está envolta numa penumbra ténue que sugere o entardecer. O artista obtém esta tonalidade crepuscular ao cobrir toda a área do céu com um leve traçado homogéneo que projeta na atmosfera e na superfície uma velatura sombria e ao mesmo tempo poética.

No verso da folha surge um esboço, muito breve, mas extraordinariamente expressivo. Com apenas alguns traços, Millet delinea e caracteriza a figura de uma mulher. Trata-se de uma camponesa ligeiramente curvada e apresentando sinais de idade avançada. Ao invés do que se passa com a paisagem, esta figura é um estudo para uma das personagens incluídas na pintura *Garden Scene*, do Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque.

Millet, um dos artistas mais eruditos do seu tempo, foi um dos expoentes máximos da chamada “Escola de Barbizon”, cujos adeptos preconizavam o estudo direto da Natureza e utilizavam no seu repertório temáticas tratadas com verdade e realismo. ■ **Manuela Fidalgo**

Esta obra pode ser vista na exposição O Traço e a Cor. Desenhos e Aguarelas na Coleção Calouste Gulbenkian, na Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian até 21 de setembro.

JEAN-FRANÇOIS MILLET – Gruchy, 1814 - Barbizon, 1875
Paisagem ao Entardecer – França (Barbizon), c. 1851–1852
 Pedra-negra e giz branco sobre papel (reto); pedra-negra (verso).
 18,6 x 24,7 cm.

Cachet do ateliê do artista, em baixo à direita – J.F.M. (Lugt 1460) .
 Proveniência: Venda do ateliê do artista, em Paris, organizada por Durand-Ruel, em 10–11 de maio de 1875. Adquirido por Calouste Gulbenkian na Casa Colnaghi, em Londres, a 24 de novembro de 1915.
 Inv. 867



CONF ER
ÊNCI A
GULB ENK I A N

AFIR MAR O FUTURO

 **FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**

**POLITICAS
PÚBLICAS
PARA
PORTUGAL**

06 | 07

OUTU B

R O